

EMANUELA MOURA DO NASCIMENTO

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VISIBILIDADE DE UM
GRUPO DE MULHERES TERENAS EM CAMPO GRANDE,
MS**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

**CAMPO GRANDE – MS
2014**

EMANUELA MOURA DO NASCIMENTO

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VISIBILIDADE DE UM
GRUPO DE MULHERES TERENAS EM CAMPO GRANDE,
MS**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Desenvolvimento local em Contexto de Territorialidades da Universidade Católica Dom Bosco, sob a orientação do Prof. Dr Josemar de Campos Maciel, para efeito de obtenção do título de Mestre

CAMPO GRANDE – MS

2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

Titulo: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VISIBILIDADE DE UM GRUPO DE MULHERES TERENAS EM CAMPO GRANDE, MS

Área de Concentração: Desenvolvimento local em contexto de territorialidades

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento local, cultura, identidade e diversidade.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Josemar de Campo Maciel
Universidade Católica Dom Bosco

Prof. Dr Heitor Romero Marques
Universidade Católica Dom Bosco

Prof. Dr Neimar Machado de Souza
Universidade Federal da Grande Dourados

Dedicatória

**Aos Terenas da Praça Oshiro Takemori que
estão a construir e reconstruir sua sociedade.**

**Em memória do Prof.Dr. Antonio Jacó Brand
sem ele acreditar na minha idéia nada seria
possível.**

**Aos meus pais Rui Batista do Nascimento e
Maria de Nazaré Moura do Nascimento, meus
irmãos pelo apoio em toda trajetória.**

**A minha segunda mãe Glória Tavares da Silva,
e meus amigos e os que moram no coração
Seu Chico, D. Ana, Andreza e Andréa, Gilmar
Golin e Kamila Golin.**

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a CAPES pela bolsa modalidade I que me proporcionou a garantia de sobrevivência para conseguir meu intento que era a de ser discente no mestrado em Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades na Universidade Católica Dom Bosco-UCDB. Ao Professor Dr. Antonio Jacó Brand que acreditou em minha pesquisa e me deu a luz do caminho a seguir e com sua partida soube como um soco no estomago que seria mais árdua sem sua presença material na terra. As índias Terenas da Praça Oshiro Takemori que mesmo também não tendo muito para elas, mas o pouco que tinham elas sempre diviriam comigo seus legumes e frutas para que eu continuasse a estudar e fazer minhas pesquisas.

Aos meus pais Rui Batista do Nascimento e Maria de Nazaré Moura do Nascimento e os meus irmãos que com apoio e muita compreensão partilharam comigo e sem eles não seria possível esta viagem. A minha tia de coração segunda mãe Glória Tavares da Silva que não lhe deixei sossegar um instante sem esquentar seus ouvidos com minhas peripécias e dessabores porque passei sem deixar nenhuma história sem que soubesse. A Rosane Bastos que me ofereceu a oportunidade de conhecer e vivenciar a grande experiência de trabalho de minha vida. Ao seu Gilmar Golin que me acolheu em sua casa como uma filha e que mesmo que tenha sido por pouco tempo o tenho como um pai para mim e sua filha Kamila Golin uma amiga.

Ao professor Dr. Heitor Romero Marques com seu coração grande e bondoso sempre esteve a disposição e para o que estivesse ao seu alcance a me ajudar. A professora Dra. Cleonice Lebourlegat sempre me ajudando com seus ouvidos sensíveis e compreensão. Agradeço ao Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel meu orientador que também com seu grande coração bondoso e generoso sempre me ajudou; e que em vida o Professor Dr. Antonio Jacó Brand me recomendou para a dura jornada do mestrado e Prof. Dr. Neimar M. de Souza por aceitar a repassar sua contribuição no meu trabalho.

LISTA DE FIGURAS

Figura. 01	Lanchonete no entorno da Praça Oshiro Takemori	Pg.38.
Figura. 02.	Loja de Produtos Religiosos.	Pg. 39
Figura. 03	Antiga Lanchonete e restaurante, casa de produtos importados	Pg. 40
Figura 04	Pet Shop	pg 41
Figura 05	Pet Shop	pg 42
Figura 06	Restaurante árabe transformado em lanchonete e Salão de beleza	pg 43
Figura 07	Destacamento policial	pg 44
Figura 08	Espaço onde fica escritório de advogacia e casa de Streep Tease	pg 44
Figura 09	Vendedor de água de coco e garapa e escola municipal Oswaldo Cruz	pg 45
Figura 10	Entrada do Camelódromo Rua Quinze de Novembro	Pg 46
Figura 11	Estabelecimentos ao lado do Camelódromo Av. Noroeste	pg 46
Figura 12	Prédio Shopping 26 de Agosto	pg 47
Figura 13	Catedral Nossa Senhora da Abadia e Santo Antonio	pg 48
Figura 14	Vendedores ambulantes	pg 48
Figura 15	Mercado Municipal Antonio Valente	Pg 49
Figura 16	Vista Interna do Mercado Municipal Antonio Valente	pg 50
Figura 17	Vista geral da Praça Oshiro Takemori	pg. 52
Figura 18	Estátua da India Terena Vendedora	pg 58
Figura 19	Quisoques da Praça	pg 55
Figura 20	Quiosque da Praça	pg 55
Figura 21	Quiosque da Praça	pg 58
Figura 22	Casa de Apoio, banheiros e outros equipamentos	pg 59
Figura 23	Alguns produtos comercializados pelas Terenas	pg 59
Figura 24	Alguns produtos comercializados pelas Terenas	pg 66
Figura 25	Alguns produtos comercializados pelas Terenas	pg 67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10	
CAP I	CONCEITUAÇÕES INICIAIS	21
1	NOÇÕES DE CULTURA DO PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO	21
2	CONCEITO ANTROPOLOGICO DE CULTURA	21
3	CONCEITO DE SUB/DESENVOLVIMENTO	23
4	O QUE É DESENVOLVIMENTO LOCAL	25
4.1	DESENVOLVER O LOCAL NÃO É “DESENVOLVIMENTO NO LOCAL (DNL)	26
4.2	DESENVOLVIMENTO LOCAL NÃO É SÓ DESENVOLVIMENTO PARA O LOCAL (DPL)	26
4.3	DESENVOLVIMENTO LOCAL É	27
4.4	A SOLIDARIEDADE É A COLUNA VERTEBRAL E FORÇA MOTRIZ DO DL	29
4.5	A EDUCAÇÃO É A OXIGENAÇÃO QUE CIRCULA NO CORPO DA COMUNIDADE – LOCAL	29
CAP II	CONFIGURAÇÃO DE AMBIÊNCIA	34
2.1	O MERCADO MUNICIPAL ANTONIO VALENTE	49
2.2	HISTÓRICO DA PRAÇA OSHIRO TAKEMORI	52
2.3	A PRAÇA EM TERMOS TÉCNICOS	53
2.4	A ESTÁTUA DA ÍNDIA TERENA VENDEDORA	53
2.5	OS QUIOSQUES	55
2.6	A HIGIENE DA PRAÇA	58
2.7	HISTÓRIA DOS TERENAS	60
2.8	OS ARUAK	60
2.9	OS FALANTES ARUAK NO BRASIL	61
2.10	OS POVOS NATIVOS DO BRASIL	62
2.11	A HISTÓRIA DA ORIGEM DO Povo TERENA	64
2.12	ACONTECIMENTOS NA HISTÓRIA DO Povo TERENA	64
CAP III	TRABALHO DE CAMPO	65
3.1	CONTATOS INICIAIS	65
3.2	O COLETIVO	69
3.3	AMBULANTES OFERECEM SEUS SERVIÇOS E PRODUTOS	70
3.4	A SUSTENTABILIDADE DA PRAÇA OSHIRO TAKEMORI	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77	
REFERÊNCIAS	78	

RESUMO

O trabalho que segue objetiva expor descritivamente e contextualizar teoricamente o processo mediante o qual um grupo de mulheres indígenas da etnia Terena, oriundas das aldeias Bananal, Cachoeirinha e Limão Verde que localizam-se nos municípios de Aquidauana e Miranda, constroem em Campo Grande a sua visibilidade, frente à região do mercado municipal Antônio Valente. O trabalho descreve a situação de invisibilidade do grupo e as dificuldades do entorno para reconhecer as indígenas Terenás; descreve ainda o grupo, caracterizando-as em sua multiplicidade, apesar dos estereótipos que tendem a vê-las como homogêneo; descreve e ilustra as suas relações de poder e, finalmente, discute o seu processo de negociação de fronteiras identitárias com a região da cidade que precariamente as acolhe.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Local. Etnicidade. Visibilidade.

ABSTRACT

The work that follows aims to expose descriptively and theoretically contextualize the process by which a group of women from ethnic Terena, originating from Banana plantation villages, Cachoeirinha and Green Lemon located in the municipalities of Miranda Aquidauna and, in Campo Grande build its visibility , opposite the City Market area. The paper describes the situation of invisibility of the group and the difficulties surrounding to recognize indigenous; further describes the group, featuring him in its multiplicity, despite the stereotypes that tend to see it as homogeneous; describes and illustrates their power relations and, finally, discusses the process of negotiation of identity borders with the region of the city that hosts the precariously.

KEYWORDS: Local Development. Ethnicity. Visibility.

INTRODUÇÃO

A motivação inicial para a pesquisa que deu origem a esta dissertação deu-se a partir da participação em um seminário com comunidades que trabalham com agricultura familiar de Mato Grosso do Sul, no qual as vendedoras indígenas Terenas da Praça Oshiro Takemori não quiseram apresentar os seus produtos e trabalhos artesanais na feira em questão de âmbito regional, restando a pergunta relativa à decisão delas em permanecerem em silêncio, diante de um novo mercado que surgia naquele momento que se realizou na II Feira dos Povos do Cerrado e I Feira dos Povos Indígenas realizado em dezembro de 2011 em Campo Grande.

Ainda em termos motivacionais a decisão pela realização da pesquisa decorreu da experiência profissional da pesquisadora, que lhe permitira algumas constatações recorrentes sobre a falta de representações de indígenas na sociedade civil organizada em Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

Durante a II Feira dos Povos do Cerrado e I Feira Indígena de Mato Grosso do Sul, realizadas em dezembro de 2011 houve a participação de pessoas de vários grupos de empreendimentos e que realizavam os cursos em parceria com a Loja da Economia Solidária. Naquela oportunidade houve vários convites às mulheres terenas da Praça em frente ao Mercado Municipal Antonio Valente de Campo Grande mais comumente chamado de Mercadão para irem apresentar seus produtos e realizarem mais vendas. As referidas terenas não se interessaram em apresentar os seus produtos, e seus artesanatos optando por permanecerem na praça. Posteriormente relataram à pesquisadora que tão somente passearam pela feira em apreço. Esse estado de silêncio das terenas, como dito inicialmente, instigou a pesquisadora em conhecer melhor as razões que serviam de fulcro para tal decisão.

Uma das razões para a não participação em eventos de Feira da natureza como a acima indicada é que há uma dificuldade entre elas de deixar os respectivos produtos e artesanatos com as outras vendedoras, que de seus pontos de vista não dariam muita importância para a venda dos produtos e artesanatos da “concorrente”, até porque, os produtos são os mesmos; variando apenas quanto melhores escolhidos.

Não menos importante na feitura dessa dissertação, a necessidade de revisão da literatura, que dentro do tema a ser exposto requereu leitura em viés sociológico, antropológico e filosófico, afim de que fosse possível o entendimento da cultura que envolve os terenas e seu desenvolvimento, direcionando o entendimento para a vivência concreta e empírica. Para tanto foi necessário buscar alguns conceitos de cultura, para que, a partir disso se entendesse o comportamento humano, notadamente do ponto de vista das relações sociais.

Em vista dessas considerações, adianta-se que a pesquisadora, mais do que produzir textos sobre o comportamento das terenas da Praça Oshiro Takemori procurou entender o modo de vida daquelas pessoas, como parte da pesquisa ação, mudando os rumos dos acontecimentos do cotidiano na Praça Oshiro Takemori e a vida das índias terenas feirantes.

Como se pode depreender das alegações iniciais, a pesquisa aqui relatada tem um quê de fenomenologia e por isso, ao invés de adotar uma inquirição do tipo hipotético-dedutivo, ao estilo cartesiano ou comteano, foi naturalmente direcionada a dotar uma redução eidética, para compreender a essência das atitudes das terenas, buscando entender o conteúdo de suas manifestações culturais em um enfoque muito próximo à etnografia.

O presente trabalho se entende também como uma pesquisa ação, em que não distingue a fase de coleta de dados e de escrita da pesquisa da fase de devolutiva. Toda a interação com o grupo de mulheres é entendida como sendo uma tentativa de construção coletiva mediada pela academia.

No tocante aos objetivos o trabalho procura expor descritivamente, de forma contextualizada o processo mediante o qual um grupo de mulheres da etnia Terena, oriundas das aldeias Bananal, Cachoeirinha e Limão Verde, Água Branca e Taunay, Lagoinha, Bananal que se localizam no município de Aquidauana e Miranda e bairro Marçal de Souza tentam construir em Campo Grande a sua visibilidade, na Praça Oshiro Takemori em frente ao aludido Mercado Municipal Antonio Valente.

Fig. nº 01: mapa municípios de Aquidauna e Miranda onde se localizam as aldeias.



O objetivo principal, de desmistificar o que muitas pessoas falam das índias da praça; “Elas são difíceis! Não se tem diálogos com elas! Elas são muito arredias!” E assim por diante, mas não vivenciam o seu dia a dia que determina o modo como elas encaram a vida diante das iniciativas de suas produções agrícolas e de suas negociações com o entorno.

A praça ainda se encontra sem equipamentos adequados no passeio público de clientes mais idosos com dificuldades de locomoção e visual.

Os capítulos estarão dispostos de forma a relatar a pesquisa ação realizada na Praça Oshiro Takemori em frente ao mercado Municipal Antonio Valente e entorno. Mas serão levados em consideração os aspectos sociológicos, antropológicos e filosóficos, pautados nos conceitos de Desenvolvimento local em contexto de territorialidades, Populações tradicionais e Desenvolvimento Local e Desenvolvimento Local e a solidariedade ativa no território.

No primeiro capítulo serão apresentados conceitos sociológicos, antropológicos e o que é desenvolvimento local e suas características. Igualmente se abordará quem são as índias da etnia Terena que trabalham com o comércio de produtos horti frutigranjeiros há mais de vinte e seis anos pelas esquinas e praças de Campo Grande. Também serão apresentadas particularidades desse grupo e Terenas, notadamente quanto ao dia a dia na Praça Oshiro Takemori.

No segundo capítulo será relatada a configuração de ambiência das índias feirantes da Praça Oshiro Takemori e suas dificuldades em relação ao entorno esquecido pelo poder público e um pouco de sua história.

No terceiro capítulo serão expostos os Contatos iniciais das fronteiras de visibilidade, no sentido de clarificar o entendimento dos que estão fora do contexto das índias feirantes da Praça Oshiro Takemori e dos clientes que são assíduos por anos a fio e os que trabalham no entorno como moto entregadores, taxistas, e pessoas que tem “ponto” dentro do mercado municipal Antonio Valente, além dos mendigos e pedintes que perambulam entre as pessoas que se agregaram no decorrer do tempo na luta pela sobrevivência com a venda de produtos. Nesse sentido o trabalho descreve esse grupo indígena urbano, constituído em sua maioria por mulheres da etnia Terena. A Praça Oshiro Takemori é apelidada de Praça das Índias. No entorno da referida praça há ambulantes com produtos diversos, comerciantes formalmente estabelecidos em lojas. No conjunto do entorno a venda e procura de produtos não se restringe aos hortifrutigranjeiros, mas toda sorte de mercadorias, a exemplo de ração para animais, ervas e especiarias.

As Terenas comercializam produtos do cerrado. No período de 2013 a 2014, a pesquisadora procurou descrever seu cotidiano, a sustentabilidade da praça, a riqueza de sua cultura no contexto urbano da feira, mostrando que essas índias também se deslocam para as esquinas das ruas mais movimentadas do centro de Campo Grande MS, à procura de clientes em potencial que não podem passar, por algum motivo, na Praça Oshiro Takemori.

Como anunciado anteriormente o presente trabalho se entende como uma pesquisa ação, em que não se distingue a fase de coleta de dados e de escrita da pesquisa da fase devolutiva. Toda a interação com o grupo de terenas é entendida como sendo uma tentativa de construção coletiva mediada pela academia. Assim, constitui, já, uma devolutiva, a partir dos interesses do grupo de mulheres que, ao mesmo tempo em que é estudado, está em processo de entender-se e de constituir-se como um grupo em suas especificidades.

As Terenas trabalham expondo seus produtos, muitas vezes comprados de atravessadores, fazem seus artesanatos na praça Oshiro Takemori, há 26 anos da existência de fato da feira, e de direito 11 anos por meio da Lei n. 2.954, de 12 de

abril de 1993; que as ampara legalmente e regulamenta sua atividade de feirantes elencando, direitos e deveres não só para as Terenas mas também para as autoridades municipais.

A pesquisadora pode observar que há conflitos no entorno da Praça, em relação aos outros comerciantes, ao espaço e sua visibilidade com suas mercadorias diante da percepção dos turistas e clientes que são inúmeros todos os dias que transitam no centro antigo da cidade.

Na pesquisa o foco se volta para a visibilidade das índias através de seus produtos, elas não são vistas e a cobrança é grande por parte da população que frequenta a Praça Oshiro Takemori e as dificuldades do entorno do mercado municipal Antonio Valente. Já foi conversado com as Terenas da Praça e o então prefeito Bernal, e foi realizado todo um estudo de Reordenação Viária para o Centro Histórico antigo de Campo Grande agora governador do estado, prometeu que faria a reforma para melhorar as condições da praça em relação a segurança e limpeza da feira. Esta melhoria da praça seria uma adequação ao fluxo de pessoas que circulam para compra dos produtos, aos que circulam na mesma e não tendo que se deparar com moradores de rua que insistem em permanecer na praça por não ter uma fiscalização assídua dos órgãos competentes.

A pesquisadora adquiriu informações comportamentais que lhe acompanhão pela vida inteira, dada a convivência diuturna que tivera com as referidas Terenas, durante todo o processo de pesquisa ação aqui relatado. Para tanto, a pesquisadora realizou inúmeras atividades com as terenas, no sentido de estreitar os laços de afinidade. Dentre tais atividades destacam-se a debulha de feijão de corda, empacotamento milho verde, quiabo, abobrinha, maxixe, de acordo com o jeito que cada índia: uma empacota o milho com seis espigas de ponta para o fundo do saco e outra de ponta para a boca do saco. E todas elas “marcam” seus produtos para saber de quem são. Além disso, a pesquisadora ajudava, organizando garrafas, em cima do balcão do quiosque para as Terenas, como o mel de Europa, seiva de Jatobá, e leite de Mangaba, mel de Jatí, garrafas pequenas de vidro de jurubeba em conserva, oferecendo o copo de colorau em grão para clientes que vem em busca deste para remédio. Com frequência a pesquisadora se dedicava à limpeza do quiosque com a vassoura, colocando restos de palmito descascados e a palha do milho em sacos pretos para jogar no lixo do mercado municipal, bem como

vendendo os produtos em questão quando as Terenas estavam ocupadas atendendo outros clientes, passando troco.

Além dessas ações a pesquisadora se ocupou com atividades de detetização, aspergindo veneno por onde havia passado ratos, quer no chão quer no vão do telhado, valendo-se de sua estatura alta.

Como ações diferenciadas, a pesquisadora repassou várias vezes para a presidente da associação das feirantes Terenas, reportagens impressas enquanto devolutiva da academia para as vendedoras índias. Mas em relato as outras feirantes Terenas disseram que nunca leram os impressos! A pesquisadora se sentia acolhida pelas Terenas, em todos os sentidos e em sentido de colaboração adquiriu um livro caixa para organização de suas vendas, mas a presidente das feirantes indígena Terenas da Praça em questão não quis usá-lo mesmo com ajuda, dando preferência ao conhecimento tácito do qual sempre dispusera.

Em diversas ocasiões a pesquisadora secretariou as reuniões da Associação das Feirantes Indígenas Terenas da Praça, há pedidos do antigo vice presidente da associação dos feirantes, assessorando a presidente atual da associação das feirantes indígenas da praça na posse do Conselho Municipal dos Direitos e Defesa dos Povos Indígenas, realizado no auditório do Instituto municipal de Planejamento urbano de Campo Grande, MS. Que afetou a organização dos Conselheiros índios de Campo Grande por causa de ser deposto o prefeito do primeiro semestre de 2014 e entrando o atual prefeito retirando todos os conselheiros que já estavam empossados pelo antigo prefeito desarticulando toda a organização das lideranças indígenas de Campo Grande e consequentemente as terenas feirantes da Praça. Levando ao prefeito atual a convocar uma reunião para enpossar os novos conselheiros do Conselho Municipal dos Direitos e Defesa dos Povos Indígenas esta substituição é uma questão política entre a administração anterior externa aquilo que configurando uma interferencia externa, no universo estudado. Resultando após esta reunião represálias pelo fato dos antigos conselheiros não aceitarem quem o atual prefeito indicou um rapaz que trabalha na Câmara Municipal de Campo Grande, houve pessoas disfarçadas de turistas na praça que foram tirar fotos. Até o momento tudo bem, mas quando se viu as fotos postadas em um grande jornal de circulação só mostrando a sujeira que fica durante o dia da feira na Praça Oshiro Taquemori e em tom de denúncia ficou claramente

que era parte de uma represália para com as terenas vendedoras da praça. E conseguimos falar com algumas pessoas para interceptar quem fez as fotos e porque estavam a usar para denegrir a imagem da praça que não é boa sempre! E invisibilizando as terenas como se faz diariamente em seu cotidiano.

Além disso, a pesquisadora ajudou na contabilidade das compras de produtos para a feira da Associação das Feirantes indígenas da Praça e somando também o dinheiro arrecadado pelas próprias associadas índias Terenas para sustento das mesmas.

Entre outras como foi dito por uma das índias Terenas: que a presença de uma acadêmica de mestrado é importante na praça para assessorar e secretariar a presidente da associação índios feirantes da Praça Oshiro Takemori. No conjunto das ações junto às vendedoras indígenas Terenas a pesquisadora percebeu mudanças de rumo nos acontecimentos do cotidiano na Praça Oshiro Takemori e na vida das Terenas feirantes.

A não visibilidade paira na Praça das Indias terenas, como se fosse uma nuvem negra que não deixa o “desenvolvimento” chegar. O entorno sofreu muitas mudanças no decorrer deste período que demonstra que o poder público anterior, e o vigente não faz muita questão de se importar.

A proposta é a visualização dos produtos comercializados pelas indígenas que lá se concentram na tentativa de não deixar se extinguir o comércio proveniente das aldeias e de outros agricultores que fazem acontecer à sustentabilidade da praça. Os produtos são variados de acordo com o período do ano, por serem índias muitas das vezes as pessoas vem comprar produtos para fazer magias e benzeduras e ervas que muitas delas não trabalham mais por já estarem inseridas em outra religião que não a de origem.

As pessoas vão encontrar essas ervas ou outros produtos que não encontram com as mulheres indígenas em vendas do entorno do Mercado Municipal, dada as mudanças nos hábitos no contexto urbano, a elas impostas no decorrer do tempo.

Há quase que total esquecimento dos governantes em relação às mulheres indígenas na Praça Oshiro Takemori. As Terenas procuram superar as deficiências locais, salientando que é um lugar público, frequentado em suas

cercanias por mendigos, pedintes e drogados. Elas negociam seu espaço todos os dias com todo o entorno. A luta é diária e permeia a lógica do poder de manipulação que domina a competitividade dos mercados. Os atores são muitos e por isso há alguma dificuldade para o recorte teórico da rede de relações. Há no cenário um véu de imposição de certa homogeneidade na cultura local.

Na descrição do grupo de mulheres Terenas presentes na Praça Oshiro Takemori, caracterizado em sua multiplicidade intercultural, os estereótipos tendem a vê-lo como homogêneo nas relações de poder.

Salienta-se aqui que a segunda maior população indígena do Brasil está em Mato Grosso do Sul, caracterizada pela diversidade etno-demográfica de múltiplos ethos culturais. No contexto dessa singularidade cultural apresentam-se uma significativa população indígena, estimada em 73.295 mil pessoas, com destaque em seu cenário multicultural, as Terenas (URQUIZA, et.al. 2013).

Os indigenas presentes na Praça Oshiro Takemori são oriundos de aldeias e municípios diferentes, tais como das aldeias Bananal, Cachoeirinha e Limão Verde, Água Branca e Taunay, Lagoinha, Bananal que se localizam no município de Aquidauana e Miranda e bairro Marçal de Souza que se localizam em Aquidauana e Miranda. A convivência é possível porque pertencem à mesma etnia. As mulheres Terenas são comerciantes por natureza. Na realidade, os grupos de indigenas presentes na Praça Oshiro Takemori pertencem a poucas famílias. O maior movimento de negócios, segundo seus testemunhos se dá em períodos festivos.

As mulheres, segundo a cultura Terena é quem melhor desempenha o papel, conseguindo conciliar a vida de esposa, de mãe e de mulher trabalhadora e negociante. O homem fica em segundo plano, porque se elas conseguem administrar todo esse esquema de vida, eles a consideram mais capacitada para vários postos de suas lideranças, sabendo como lidar no dia- a dia com as situações que se apresentam. Todavia, do ponto de vista das terenas, a liderança pouco se articula, não se envolvendo em questões políticas partidárias. Também não tem conseguido fazer com que as outras terenas que a indicaram, apreciem seu trabalho, até porque a presidente para algumas terenas ela infringe algumas regras,

como a que acabamos de mencionar acima, como misturar os povos indígenas com os pedintes e drogados coisa que elas estão divididas quanto ao assunto em questão.

Há nesse sentido a alegação da presidente de que não quer brigar com eles para não prejudicar as outras Terenas quem dormem na praça à noite. Mas, há depoimentos de que mesmo com a tentativa de diálogo com os pedintes e drogados acontecem furtos e assédios no decorrer da madrugada. Como não há todo um sistema de proteção da pessoa física do índio ali eles estão sujeitos há pequenos furtos por parte de outras pessoas trazeuntas na praça. Mesmo havendo um pequeno grupo fiel de alcóolatras com as Terenas feirantes ocorrem confrontamentos com relativa frequência.

Nos períodos de férias há uma grande concentração de crianças na praça fazendo, assim com que a organização dos produtos de vendas nos quiosques, roupas, lençóis e colchões que é o que a presidente da Associação das feirantes Terenas fique muito à vista. E, por vezes, essas crianças não tendo ocupações escolares nas aldeias vêm passear na cidade, lotando a pequena praça.

Há presença significativa de tecnologia, com o uso do telefone celular pelas índias Terenas da Praça Oshiro Takemori. Não vivem sem o celular e quando saem dos quiosques comunicam-se, chamando para comparecerem em outro quiosque ou mesmo para colocar a conversa em dia, inclusive para fazerem compras com os atravessadores, via de regra com contatos semanais. Aliás, salienta-se que nem todos os produtos comercializados pelas Terenas indígenas na Praça Oshiro Takemori são oriundos das respectivas aldeias. Muitos são adquiridos de não índios que ora como pequenos produtores, ora como simples atravessadores fornecem a elas uma série de produtos.

Considerável número de pessoas que prestam serviços dentro do Mercado Municipal, não combina com os indígenas que frequentam a Praça Oshiro Takemori. Os moto entregadores, ao invés de estacionarem de maneira a dar espaço a outros como o espaço de descarga de produtos, estacionam suas motos de forma a ficar atravessada, ocupando vários lugares, não permitindo a correta circulação aos arredores da Praça Oshiro Takemori. Do mesmo modo, pessoas que têm barracas dentro do Mercado Municipal estacionam diariamente e só saem no final do expediente, não deixando opções para quem deseja parar, mesmo que

rapidamente, sem entrar no mercado para ter que comprar e pegar o ticket e não pagar o estacionamento. Outro fator de confronto com as pessoas do Mercado Municipal são os produtos, que não se igualam aos das índias terenas.

As Terenas da Praça Oshiro Takemori são procuradas para alguns produtos específicos de suas vendas “pensam os clientes”. Infelizmente não procedem assim as demandas como benzeduras e ervas para saúde, elas não têm esses produtos e se sabem alguma receita de remédio é porque guardaram na mente ensinamentos dos próprios clientes e não da cultura indígena fazem-nos pensar. Todavia, certa vez veio um cliente em uma tarde quente com o pedido de um chocalho de cobra. A Terena presidente da Associação dos feirantes disse que não tinha no momento, mas que se pudesse esperar para o dia seguinte ela conseguiria a contento. E assim ficou acordado de o cliente japonês vir pegar a “encomenda” para a tarde seguinte. E em relato a terena evangélica me confidenciou que era para magia negra o chocalho de cobra! Por mais paradoxal que possa parecer, elas na maioria das vezes para não dizerem que sabem fazer magias e feitiços indicam a Banca da Japonesa dentro do Mercado, para compra de ervas medicinais.

Olha no tocante a isso até a pesquisadora já manteve diálogo com as mulheres indígenas terenas trocando informações de cunho etnográfico sobre ervas dando coincidências de outras regiões do país. Isso implica afirmar que se deve ter respeito em relação às outras culturas que não a própria e isso é um construto que parte da educação formal e da célula mãe, a família.

O grupo indígena em questão tem muitos produtos à venda, a exemplo daqueles disponibilizados nas feiras em que participamos como: os artesanatos e hortifrutigranjeiros de suas terras. Mas, suas organizações internas são frágeis, por isso não se tornam visíveis como empreendedores.

Como o presente trabalho beira fortemente a etnografia com vies sociológico, viu-se por bem apresentar algumas considerações metodológicas nessa esteira. A primeira coisa a se afirmar é que para os sociólogos a metodologia consiste de acordo com Becker, em estudar os métodos de fazer pesquisa, analisar e tentar aperfeiçoar. Porém há cursos de metodologia que nem todos os sociólogos ensinam, a exemplo da seção de Metodologia da Associação Sociológica

Americana, mas, que nem todos são associados. Direcionado para o sentido institucional a metodologia não é assunto de sociólogo. A pergunta é como os metodólogos lidam com esta sombra de questões.

Os sociólogos não direcionam para que se adotem certos tipos de métodos e deixam os praticantes de outros métodos sem o necessário aconselhamento e não conseguem fazer uma análise plana dos métodos que mais consideram. A metodologia proselitizante pelos metodólogos é a de terem sempre de dizer a maneira certa de fazer as coisas e o modo de conversão dos outros que demonstra muito a intolerância com o erro.

As regras de procedimentos inflexíveis devem ser substituídos por métodos que não “precisem ser assim para mim”. Isto é altamente recomendável porque haverá garantia maiores e mais palpáveis. Há de se ter um cuidado redobrado com a tendência em uma entrevista com pessoas totalmente aleatórias sem medo de depois obter resultados e procedimentos de amostragem distorcidos ao invés de utilizar a amostragem probabilística.

Recorda-se aqui que dentre os métodos desprezados pelos metodólogos está pesquisa participante e a análise histórica. A partir do momento em que os metodólogos aplicarem seus intentos aos problemas que realmente estão dentro das técnicas analíticas a metodologia atingirá para os sociólogos pesquisadores sua utilidade que sempre deveria ter tido.

A argumentação mostra que dentro dos trabalhadores braçais de surveys eles maquiam as pesquisas ao bel prazer contatnto que eles trabalhem pouco e ganhem bastante para fazer as pesquisas e o mesmo não tendo o rigor científico por parte dos pesquisadores.

A inserção está no contexto das preocupações dos pesquisadores que estudam método, organizações grupos e comunidades do mundo real; e conseguir a permissão o objeto de estudo, ter acesso as pessoas que se quer estudar, entrevistar ou entregar questionários.

A prevenção de erros diante de tantos erros ocorridos e levantados pelos sociólogos é correto examinar os periódicos com uma lista de tais erros diante de si e verificar quantos casos salvaguarda conhecida não foi usada e o erro conhecido cometido poderia ser evitado.

É igualmente desafiante a escolha da estrutura e do problema a qualquer investigador sociólogo que desejar estudar um grupo ou comunidade, bem como a teórica que orienta a abordagem.

CAPITULO I

CONCEITUAÇÕES INICIAIS

1 NOÇÕES DO PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO

Dentro do contexto cultural e do ponto de vista da sociologia a sociedade presente imprime seus aspectos sociais por meio das distintas culturas emanadas dos distintos povos. O contexto cultural, como uma espécie de carimbo, manifesta-se por meio das nossas crenças, modos de vestir, de falar e dos hábitos alimentares.

No cotidiano as ações foram pautadas diante das regras que a sociedade impõe. Nessas circunstâncias de coesão social o indivíduo se molda reage ao que está sendo proposto. É preciso considerar nesse processo coercitivo a possibilidade de se tirar proveitro, levando em conta o aspecto multicultural das várias regiões do país, caracteristicamente distintas e diversas. Cada cultura, “a duras penas”; enfrenta uma aguerrida luta para ser respeitada diante das circunstâncias que no decorrer do tempo se impõem com os estigmas dos preconceitos, racismo de toda ordem, deficiência do processo de educação formal, corrupção, disparidades salariais dentre outros. Essas circunstâncias se transformam em condicionantes sócio-econômicos e por conseguintes políticos, formando uma barreira para valorização da diversidade cultural, enquanto fator de distinção e enriquecimento comunitário.

2 CONCEITO DE ANTROPOLOGICO DE CULTURA.

Ainda que carecendo de aprofundamento teórico é possível afirmar que o ser humano, mesmo admitindo a questão da essência, está em constante mudança e evolução. Por um processo de livre escolha ou de imposição por parte do grupo social a cultura se instala no indivíduo e no homem-coletivo, que em termos

antropológicos resultam ser o mesmo. É na dinâmica do processo social que há as transformações culturais que resultam em elementos que se manifestam e concretizam nas atitudes.

A partir da descrição de Tassinari, 2014 de cultura como elementos que diferenciam as culturas. Que mostra-se através de códigos simbólicos que perpassam todos os momentos da vida se fazendo entender pelo processo praticado dia a dia. Sendo comum a todos a capacidade de compreender as outras culturas provenientes de outras sociedades. Também são compartilhadas formuladas e transformadas a todo instantes por enes grupos sociais mostrando-se como códigos simbólicos que se mostram iguais ou diferentes em diversas culturas.

A dinâmica em que a cultura é processada e transformada no dia a dia culmina no acúmulo de experiências o ser humano no decorrer da história. Vindo a contrapor com algumas ideias divulgadas sobre as culturas indígenas, como a de que são “paradas no tempo” ou de que vão perdendo traços de primitivas e “exóticas” diferentes do tempo que eram “originais” tornaram-se aculturadas.

Estes são pequenos pontos que se pode a partir dessas considerações, mencionar que toda a humanidade tem seus símbolos e que somos capazes de compreender códigos culturais e de criar.

Mostrando que a cultura é e sempre será um fenômeno dinâmico, e em constante mudança, por estar sempre recebendo novos significados e simbolos.

Dentro de todas as coisas que acontecem na vida diária do ser humano as pessoas devem ter um pensamento de entendimento e compreensão para com os outros mesmo que ainda seja difícil para muitos e até porque a história de vida das pessoas vão pautar seus passos no decorrer da vida. Dentro desta fenomenologia é o que precisamos realmente nos pautar nossas vidas mas não só isso que termina sendo muito pobre para a riqueza que a vida nos proporciona nos dando tecnologias para mesmo que não consigamos ir em lugares distantes para conhecermos outras cidades e países esta mesma tecnologia nos leva neste ambiente e nos coloca dentro da cultura que é a riqueza que nos distingue enquanto sociedade e que nos homogeneiza enquanto comunidade.

Dentro deste contexto pode-se visualizar o mendigo que não sendo índio trabalha com eles e se torna um deles a partir do momento que se envolve com os índios e não superficialmente ele mergulha em sua cultura a do comércio e de venda dos seus produtos de estar acordado cedo mesmo que tenha passado a noite bebendo “vigiando” as índias se deita quando pode no período diurno. Mas quando é chamado para acordar e para fazer qualquer coisa para as índias eles vai de pronto mesmo não estando em um estado sóbrio para o mesmo. Estando frio ou calor, assim ainda vai ajudar, ele que se tornou um índio por se inserir na cultura do outro.

3 CONCEITO DE SUB/DESENVOLVIMENTO

O sub/desenvolvimento pode ser considerado a partir da idade do Neolítico, a idade dos metais, quando o homem transforma a natureza a seu favor, confeccionando lanças, o arco para a impulsão da mesma forma como a flecha, tornando a vida mais fácil e proporcionando mais eficácia a sua sobrevivência e a sua tentativa constante de dominação, em realção aos outros seres viventes da crosta terrestre, aperfeiçoando-a e evoluindo-a até a mais moderna ogiva nuclear (ÁVILA, 2005).

De acordo com Esteva *apud* Ávila (2005) a denominação dos termos há muito utilizados organizados em categorias de desenvolvidos e subdesenvolvidos, ocorreu no século XX no dia 12 de março de 1947, na posse do Presidente Harry Truman a era do desenvolvimento estava aberta ao mundo, como se ve no discurso de posse:

Em primeiro lugar, vamos continuar a dar apoio firme para as Nações Unidas e as agências relacionadas, e vamos continuar a procurar maneiras de fortalecer sua autoridade e aumentar a sua eficácia. Acreditamos que as Nações Unidas serão reforçadas com as novas nações que estão sendo formados em terras agora avançando em direção a auto-governo sob princípios democráticos.

A partir deste período os E.U.A. vem sendo o detentor hegemônico no mundo e manipulador de outras nações que a ela se curvam diante de sua grande

cúpula de órgãos que se encontram no seu país como a ONU entre outros e obviamente, o grande poder bélico mantendo-se neste patamar até os dias atuais.

Em segundo lugar, vamos continuar os nossos programas para a recuperação econômica mundial. Isto significa, em primeiro lugar, que devemos manter o nosso peso por trás do programa de recuperação europeia. Estamos confiantes no sucesso deste grande empreendimento na recuperação mundial. Acreditamos que nossos parceiros neste esforço vão alcançar o status de nações auto-suficientes, mais uma vez. Além disso, devemos realizar nossos planos para reduzir as barreiras ao comércio mundial e aumentando seu volume. A recuperação econômica e a própria paz depende de aumento do comércio mundial.

As nações foram se desenvolvendo com base na economia neoliberal, a princípio, retirando-se o Estado como mantenedor e “tratando o campo” estatal para que as privatizações acontecessem. Houve com isso o desmantelamento do estado, abertura para exportações, levando à bancarrota fábricas e indústrias já consolidadas no território nacional.

Em terceiro lugar, vamos reforçar as nações amantes da liberdade contra os perigos de agressão. Estamos agora a trabalhar com um número de países um acordo de joint concebido para reforçar a segurança na região do Atlântico Norte. Tal acordo assume a forma de um acordo de defesa colectiva nos termos da Carta das Nações Unidas. Já estabelecemos um tal pacto de defesa para o Hemisfério Ocidental pelo tratado do Rio de Janeiro. O objetivo principal destes accordos é a prova inequívoca da determinação conjunta dos países livres para resistir a um ataque armado de qualquer trimestre. Cada país participante nesses accordos devem contribuir todo o possível para a defesa comum. Se nós podemos torná-lo suficientemente clara, de antemão, que qualquer ataque armado que afeta a nossa segurança nacional seria recebido com força esmagadora, o ataque armado nunca pode ocorrer. Espero que em breve a enviar ao Senado um tratado respeitando o plano de segurança do Atlântico Norte. Além disso, iremos fornecer conselhos e equipamento militar para nações livres que irá cooperar conosco na manutenção da paz e segurança.

No Brasil a força esmagadora se deu na década de 1964 com o Golpe Militar. Nos anos de 1980 houve as Diretas Já, para a eleição de um presidente na linha democrática, porque neste momento estava presidente o General João Baptista de Figueiredo. Foi eleito Tancredo Neves, mas vindo a falecer logo após, sendo substituído pelo então vice-presidente José Sarney. Seu governo deu-se por um período de recessão que assolou o país, estagnando a economia e trazendo a inflação.

Em quarto lugar, devemos embarcar em um programa novo e ousado para fazer os benefícios dos nossos avanços científicos e progresso industrial disponíveis para a melhoria e crescimento das áreas subdesenvolvidas. Mais da metade das pessoas do mundo estão vivendo em condições que se aproximam da miséria. Sua alimentação é inadequada. Eles são vítimas de doença. Sua vida econômica é primitiva e estagnada. Sua pobreza é um obstáculo e uma ameaça tanto para eles e para áreas mais prósperas. Pela primeira vez na história, a humanidade possui o conhecimento e a habilidade para aliviar a sofrimento dessas pessoas. Os Estados Unidos é preeminentes entre as nações no desenvolvimento de técnicas industriais e científicos. Os recursos materiais que podemos dar ao luxo de usar para a assistência de outros povos são limitadas. Mas os nossos recursos imponderáveis dos conhecimentos técnicos estão em constante crescimento e são inesgotáveis. Eu acredito que devemos colocar à disposição dos povos amantes da paz os benefícios de nossa loja de conhecimento técnico, a fim de ajudá-los a realizar suas aspirações de uma vida melhor. E, em cooperação com outras nações, devemos incentivar o investimento de capital em áreas que necessitam de desenvolvimento. O nosso objectivo deve ser o de ajudar os povos livres do mundo, por meio de seus próprios esforços, para produzir mais comida, mais roupa, mais materiais para a habitação, e mais poder de mecânica para aliviar suas cargas.

Os brasileiros estavam entre os povos que ameaçavam a prosperidade dos países já desenvolvidos, sendo chamados de primitivos ou tupiniquins em alusão à política voltada para produção, exploração e exportação de produtos primários de modo especial *commodietis* agrícolas e mineirais (CIMI 2013, 11). Nesse contexto se deixou de amparar uma parte da população, na qual se inserem os indígenas, pela prática de outra modalidade de política, fortalecendo os setores das grandes empresas multinacionais, ruralistas, as mineradoras e as empreiteiras.

4 O QUE É DESENVOLVIMENTO LOCAL

A ideia de desenvolvimento local recebeu extraordinário impulso com a “Conferência Mundial Sobre Meio Ambiente”, ou seja, ECO –RIO 92, tendo sido mais divulgada pelos idos de 1996 (ÁVILA 2000), relacionando-se estreitamente com o mundo desenvolvido e suas próprias periferias, bem como com a dependência dos mundos subdesenvolvidos para com os desenvolvidos.

O entendimento de desenvolvimento local pressupõe que um país subdesenvolvido queira se desenvolver e se libertar do estigma da pobreza. Para se entender esses vieses que se mostram dentro do que se propõe para desenvolver o local é preciso que a comunidade queira e esteja disposta a aceitar sua condição de

estar estacionada diante das circunstâncias, abrindo a mente para compreender os meandros que perpassam toda a especificidade de ser ajudado no sentido de alavancar a comunidade em questão.

4.1 DESENVOLVER O LOCAL NÃO É “DESENVOLVIMENTO NO LOCAL (DNL)”

A situação se mostra em uma empresa ou iniciativa que vai promover a qualificação para geração de emprego e renda e que colhendo os benefícios de impostos e circulação de serviços ficará no local até quando der lucros. Fora disso deixará a comunidade e o local, e pode ser por quebra de empresa ou baixa lucratividade. A comunidade em questão ficará desacreditada e frustrada e podendo até deixar problemas ambientais.

Conforme Ávila (2000) devido ao modelo proposto e implantado no Brasil em parques industriais e indústrias isoladas desde 1940, hoje se paga caro pelo “desenvolvimento” escolhido anteriormente, que perpassa pela água, ar, solo e saúde. Mas este desenvolvimento é necessário até que se forjem bases sólidas de desenvolvimento local endógeno. Nessa concepção de desenvolvimento, quando terminar de explorar, a empresa vai sair da região e poderá ir para outro ponto qualquer do mundo, deixando os benefícios e malefícios causados na localidade.

4.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL NÃO É SÓ DESENVOLVIMENTO PARA O LOCAL (DPL)

A ideia de desenvolvimento traz a geração de atividades remuneradas. o Desenvolvimento para o local no contexto das terrenas da praça Oshiro Takemori se mostraria visível caso os governantes cumprissem a promessa de reforma da praça para as índias trabalharem em um ambiente harmonioso, limpo, bem estruturado para a exposição de seus produtos.

Mas na prática isso é só uma falácia para se aproveitar da vontade coletiva de todas as terrenas que usufruem da venda de produtos da praça. Os

governantes querem passar uma ideia de que se importam com o povo indígena em suas várias etnias. Mas na realidade não ocorre até porque o interesse só será em períodos específicos passando esse contexto, também passará a fala ao vento para conseguirem seus intentos.

4.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL (DL) É:

Dentro dos vários conceitos que englobam o desenvolvimento local estão os conceitos de desenvolvimento e em seguida o de local. Posteriormente o fator endógeno, espaço, território, comunidade, identidade, solidariedade, potencialidade e agente.

O desenvolvimento local se dá em um lugar que é tido como importante, a partir da demonstração de valor por parte dos sujeitos inseridos no respectivo contexto, compreendendo o espaço e o tempo.

O aspecto endógeno do desenvolvimento refere-se às forças interiores do lugar que agem para fora, perpassando pelas capacidades inerentes ao ser humano, de absorver competências em relação ao objetivo e as habilidades. Refere-se igualmente à auto-estima e habilidades necessárias para resolução de conflitos e dificuldades, dando-se no âmbito comunitário e individual. Tais habilidades devem inclusive resultar em competências no relacionamento com os fatores externos à comunidade.

Salienta-se que os povos indígenas foram tutelados pelo estado por anos a fio e por isso muitos deles ainda não conseguem se firmar enquanto pessoas que vivem em sociedade e que precisam demonstrar por meio de documentos, falar e concretizar na prática o que antes era pura obediência da etnia a um cacique.

As índias terenas espalhadas pelas esquinas da cidade há anos fizeram com que houvesse a necessidade de reuni-las em um só lugar (a praça) para geração de emprego e renda para elas próprias. Não se pode esquecer de que as terenas buscam o bem estar por meio da melhoria de vida, como agentes locais na praça Oshiro Takemori, propiciando modificações no espaço pela alteração da paisagem.

Na perspectiva do desenvolvimento local percebe-se que a imagem que as mulheres indígenas terenas passam é a da necessidade de se construir no contexto diverso a sua riqueza há muito esquecida, uma vez que o branco não acha primitivo que só uma fala se faça a obedecer. Foi possível notar que as terenas pouco se articulam em sociedade, como uma rede de relações maior e mesmo dentro de suas próprias fronteiras que é a Praça Oshiro Takemori. As terenas apresentam brigas internas intermináveis e isso é normal. Por vezes perdendo o foco no que querem, para conseguirem o que almejam: a reforma da praça e uma casa para moradia, com fogão e geladeira, para quando vierem das aldeias.

É preciso que as terenas da Praça Oshiro Takemori não fiquem na dependência da tutela indireta do estado pelo fornecimento de sacolão, que é uma cesta básica (fornecida em pequena escala).

Quando alguém da etnia consegue achar o nicho e articular-se politicamente em rede, consegue atingir seus próprios objetivos e via de regra não olha para o coletivo, abandonando suas raízes. De alguma modo essa pessoa sofreu os efeitos da aculturação, que se deu principalmente pela cooptação exercida pelo capitalismo. É preciso que essas forças coercitivas entendam a razão e lógica da etnia Terena, pois ao contrário haverá a perda da pureza e o foco de que as falas do cacique por serem só falas, sejam atendidas no contexto da Praça Oshiro Takemori.

Na cultura Terena é que se molda o amálgama com o qual se forja a riqueza da etnia expressa no dia a dia da Praça Oshiro Takemori. Isso de modo flagrante se antagoniza com as discrepâncias e as iniquidades da nação subdesenvolvida que ainda ensaia a redemocratização, diante as forças do processo globalizante sem precedentes, que faz acirrar as múltiplas determinações sobre as diversas escalas de poder, que agem sobre os lugares.

A Praça Oshiro Takemori é local concreto das terenas no ambiente do antigo comércio de Campo Grande MS. É ali que se dá a lida diária na comercialização de produtos vindos da agricultura, dividindo espaços com atravessadores de quem compram os produtos, mendigos que insistem em permanecer na praça, os moto taxistas, os moto entregadores e taxistas.

4.4 A SOLIDARIEDADE É A COLUNA VERTEBRAL E MOTRIZ DO DL

Para que as pessoas cheguem a consensos e desenvolvam iniciativas no âmbito da solidariedade é necessário que sejam cooperativas, com foco nos objetivos e desenvolvam constante sensibilização, mobilização, organização, planejamento e ações conjuntas no âmbito da comunidade.

Sem o envolvimento da comunidade no exercício da solidariedade cooperativa o desenvolvimento local se reduz a mera falácia.

4.5 A EDUCAÇÃO É A OXIGENAÇÃO QUE CIRCULA NO CORPO DA COMUNIDADE –LOCAL DO DL

A coesão dentro da solidariedade está associada à educação em âmbito comunitário. É preciso informar-se, atualizar-se e se impregnar, sem interrupções do hábito cultural da pesquisa e se inserir em novas discussões e novas formas que farão a união e a cooperação.

A comunidade precisa permanentemente de se educar para se desenvolver precisando da ajuda dos agentes de desenvolvimento local que serão verdadeiros pedagogos no encaminhamento das prioridades. A perspectiva é a de que a comunidade aos poucos aprenda de modo organizado a caminhar com as próprias pernas, validando o sentido educacional e conquistando o verdadeiro e necessário desenvolvimento comunitário-local.

No contexto da Praça Oshiro Takemori o espaço social é o antigo comércio da cidade de Campo Grande MS, que se dá mais no âmbito das redes de relações não percebidas no dia a dia. O espaço ali vivido está empregnado de valores culturais que refletem o sentimento de pertença, numa espécie de sinapses estabelecidas no ir e vir da aldeia para a cidade de Campo Grande na Praça Oshiro Takemori. Para Marques (2009),

[...] el término *comunidad* viene del *comunitate* y es registrado como calidez de lo que es común, *comunión*, *participación en común*; *sociedad*, *reunión de individuos que viven en común o tienen los mismos intereses e ideales políticos, religiosos, lugar donde residen estos individuos y comuna*.

Esse conceito de comunidade expressa como se mostra o contexto das índias terenas feirantes da Praça Oshiro Takemori. Para se alinharem como agentes de desenvolvimento local as índias ainda precisam percorrer um longo caminho, perpassando pela confiança mútua. Porque para certos assuntos se juntam para ganhar força e para outros assuntos elas se separam não conseguindo unir-se também normalidade no habito das terenas.

O conceito de comunidade na sociologia tem sido problemático por várias razões, sendo que um dos mais importantes é a dependência da noção idealizada de que a comunidade é algo que se encarna na vila ou no pequeno povoado em que as associações humanas caracterizam-se como *Gemeinschaft*. Na literatura sociológica, descobriu-se que havia um consenso básico acerca de apenas três elementos de definição: interação social entre as pessoas, um ou mais laços ou vínculos de condivisão e um contexto de área.

Os Lynds encontraram relações consistentes com seus pressupostos teóricos marxistas, tratando das condições de subsistência e as estruturas dos negócios e das famílias dos trabalhadores (por exemplo, lá onde puderam comprovar que filhos e filhas da classe trabalhadora eram mais propensos a abandonar a escola para ajudar a família; onde comprovaram que famílias trabalhadoras trabalhavam mais horas por menos pagamento e por menos segurança financeira, e ainda que as condições em geral eram bem mais duras para as famílias trabalhadoras (GORDON, 2006.).

A criação da Praça Oshiro Takemori reunindo as índias foi uma forma de melhoramento da cultura e sentimento de pertença. Ali as pessoas sentem-se à vontade para conversar abertamente e vão consolidando laços no decorrer de suas vidas, em nítido processo de educação informal. As índias chegam a dizer “[...] esta minha cliente era só pai, mãe e filha, eu vi ela namorar, casar e engravidar e agora o menino já anda!” Nesse contexto de educação informal que vê-se a cultura sobre o presentear os parentes, como forma de reconhecê-los, “lembrar deles”, “pensar neles”, como disse um dos chefes, ao grupo de homens ali reunidos, repetindo três ou quatro vezes a sentença *a-kamy ma* (lembre do seu irmão, pense no seu irmão). Tal lembrança, ou reconhecimento, do parente é efetivada pelo cuidado, pela oferenda de alimentos e presentes, assim como pela oferta de mercadorias e bens.

Esse rito implica representa uma forma educativa que implica diretamente no desenvolvimento endógeno perpetrado na Praça Oshiro Takemori.

Percebe-se a importância dos chefes no papel de responsáveis pela continuidade do fluxo de mercadorias para dentro da aldeia, já que isso garante a felicidade e o bem – estar das pessoas, que podem dar e receber cuidados por meio desses objetos (GORDON, 2006.).

As pessoas que fazem compras com as índias de algum modo levam produtos também para agradar pessoas de suas famílias, como se o rito indígena se duplicasse na comunidade não indígena

A Praça Oshiro Takemori como espaço territorialmente delimitado, com identidade social e histórica tem servido para mediar a ativa colaboração entre agentes externos e internos e incrementar a cultura da solidariedade. As terenas feirantes ainda precisam olhar-se como agentes para fazer acontecer o aproveitamento dos potenciais da localidade. É ainda necessário que as mulheres terenas incorporem o processo de educação da informalidade vivenciado na praça e para que com isso haja “a ‘metabolização’ comunitária [...] visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito (ÁVILA *et al.*, 2000, p. 68).

Um dos traços distintivos da cultura tradicionalista da cultura como forma de se tornar o outro é “naturalizar” a barreira entre incluídos e excluídos, ou seja, tornar normal o que não pode ser deixado de lado, o contexto de excluídos. Há manifestações nesse sentido, ou seja, uma ou outra mulher indígena gostaria de não ter nascido como indígena, “queira ter ter nascido em outra raça” para não passar pelo que passam tanto na aldeia quanto na cidade.

As culturas não desconhecem umas às outras e, de vez em quando, até tomam empréstimos entre si; mas, para não perecerem elas devem sob outros aspectos permanecer um tanto impermeáveis (GEERTZ, 2001).

Do ponto de vista de uma educação informal, advinda dos aspectos culturais relacionados aos produtos comercializados, destaca-se o fato de que os produtos vendidos de dentro do mercado municipal, não são iguais aos da Praça Oshiro Takemori

Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença (SILVA, 2000, 73).

Igualmente se destaca que há uma cultura dos consumidores em busca dos produtos das terrenas, a exemplo do palmito, pequi *in natura*, feijão de corda, milho, tamarindo, guavira, fruta do conde, farinha de jatobá. Os turistas que passeiam pelos quiosques procuram determinadas plantas, garrafas de mel, de leite e mais uma série de produtos da diversidade do cerrado. Todavia, a literatura permite saber que os conhecimentos dos povos colonizados foram reduzidos à mera manifestação de irracionalidade, de supertições e seus saberes práticos e locais foram sobrepostos pela única fonte de saber tida como verdadeira, a ciência. O uso de tais conhecimentos e saberes não formais ficaram subordinados ao direito do Estado moderno e das suas práticas de uma economia capitalista, descaracterizando a organização social primitiva, apagando a riqueza de sua diversidade e elevando a disputa entre Estado e sociedade Civil, revertendo as polaridades da cultura e cosmologia em supertições. Assim, a informalidade da educação existente na Praça Oshiro Takemori, em vista do desenvolvimento local se dá pela dicotomia das falas, uma sobre progresso de “realizações”, de doenças que foram curadas, de níveis mais elevados acima dos próprios seres e outra de lamento pelo esvaziamento de seus próprio seres, pelas chacotas sobre a cultura, das instituições desgastadas, por suas terras apreendidas e confiscadas, pelas crenças invanidas por religiões exóticas às suas, pelo esplendor de suas culturas artísticas reduzidas a nada e das possibilidades de futuro extraordinárias anuladas.

Igualmente, ainda do ponto de vista da educação assistemática que acontece no contexto da Praça Oshiro Takemori que se fala de centenas de milhares de homens que incorporam o medo, todos os complexos de inferioridades, o temor diante do constrangimento, o ajoelhar-se diante do improvável, o desespero ao deparar-se com as circunstâncias que resultam em servir sem contestação. O pior de tudo é que isso resulta numa fala desconcertante das economias naturais, e harmoniosas, que no passado recente eram viáveis, porque estavam adaptadas à condição do ser indígena no cultivo de subsistência.

As questões supracitadas sobre a educação assistemática e o processo de depauperação cultural, como algo cotidiano na Praça Oshiro Takemori não é fenômeno isolado, mas advindo do próprio contexto do ocidente, que se fez conhecer por uma famigerada hegemonia cultural do não índio. Esse fenômeno é constituído de uma incomensurável força para desqualificar outras culturas que se lhe atravessa o caminho. Tudo isso implica numa espécie de reprogramação dos processos de inferiorização envolvendo inclusive contextos sexuais, de raça e de tradição. Assim, pode-se afirmar quer na perspectiva da colonialidade forjou-se a produção e as relações de subalternidade.

A educação forjada nos pressupostos da ciência moderna destruiu as muitas formas de conhecimento alternativo e rebaixaram os grupos sociais que tinham como base para prosseguir saberes diferenciados. Isso se dá porque o mundo está entrelaçado por redes de relações que se transformam em um sistema territorial local, enquanto base de sustentabilidade multidimensional.

Na Praça Oshiro Takemori acontece essa rede de relações com os chacareiros a que vêm vender seus produtos como milhos, pokã, palmitos, maxixe, abobrinha. Várias coisas acontecem no amanhecer da praça, compreendendo a escala das diversidades, situações e configurações, perpassando o viés do desempenho coletivo trazendo para si as ações interativas que não é nada mais que a manutenção da vida. Esse processo amplia a autonomia, desenvolvida a nível sistêmico.

As capacidades sociais chamadas também de inteligência coletiva devem ser transformadas em produtos, ou seja, a rede de relações interdependentes e governança local e territorial sejam engajadas na natureza coletiva e intangível e isso se dá em forma de uma aprendizagem coletiva. Todo este conhecimento representa a ampliação dos campos de poder que devem ser colados a serviço das soluções dos problemas dentro do contexto territorial local.

As redes, nas quais acontecem a apreensão de saberes tácitos são compostas e sobrepostas num complexo imbricado, com a participação de indivíduos de diferentes culturas. Registra-se que nessa rede as terenas tomam dinheiro emprestado de agiotas colombianos, que são rapazes que vêm pegar o

dinheiro em dia e hora marcados, normalmente de motos no período da tarde, toda a semana.

A assimilação e produção de novos conhecimentos desenvolverão mecanismos que conduzirão soluções criativas. Valorizando a diversidade neste processo os recursos e transmutação de conhecimentos vão resultar em inovação e ao mesmo tempo mobilizam forças reguladoras para os fenômenos interativos que ocorrerão no território local.

Detalhe importante que ocorre na Praça Oshiro Takemori é o fato de pessoas que trabalham no Detran deixarem com as terenas, número de celular para que se houver algo de grave em relação ao estacionamento de carga e descarga de produtos, que esteja prejudicando, é para chamá-los. A presidente da Associação das indígenas feirantes trata deste assunto sempre que necessário até porque na praça não existe parquímetro aumentando a incidencia de infrações.

CAPITULO II

CONFIGURAÇÃO DE AMBIÊNCIA

O centro comercial antigo e histórico de campo grande MS, delimitado pela Rua Calógeras e Av. Noroeste no perímetro entre Rua Vinte e Seis de Agosto e Rua Quinze de Novembro está o lugar escolhido para trabalhar a visibilidade. A cada dia se transforma pela demolição de casas para dar lugar a uma lacuna, atualmente utilizada como estacionamento, apagando as particularidades e alterando a identidade de então.

A identidade caracteriza-se por certas propriedades que fundamentalmente geram um sistema de diferenças. A identidade e as diferenças compõem uma relação social de poder. Elas se impõem porque não convivem harmoniosamente, existe sempre uma hierarquia e disputas. Não são separadas das relações de poder e não são inocentes nunca. Está constatado que onde há diferenciação de identidade e diferenças está presente o poder.

O processo que centraliza a diferenciação qual são produzidas a identidade e diferenças há outras marcas que mostram indícios de poder como os brancos são normais e elas, as índias terenas, não são normais. Todas as relações de identidade e diferenças organizam-se ao redor de oposições e antagonias. Estas relações não podem ser questionadas e problematizadas do modo como se organizam.

Os indigenas têm muitos conhecimentos que são usados nos remédios alopáticos e também nos homeopáticos, quase todas informações foram coletadas pelos brancos com a sabedoria dos povos nativos. Ao configurar a ambiência da Praça Oshiro Takemori é preciso levar em conta que em todos os setores da vida o indivíduo não pode se mostrar individualizado e sim igual a todos os outros na forma de vestir, falar, andar, comer o que comprar, quando comprar. Há certa consciência de que naquele contexto não se faz política de primeira grandeza, não se quer entender, como de resto da sociedade, o que quer dizer e construir a política. Todos dizem: “não gosto de política”.

Por outro lado, aquele ambiente não está completamente alheio ao que transmite a mídia televisionada principlamente, que faz as pessoas quererem os “objetos de desejo” mesmo que não se tenha condições para tal. De resto as pessoas daquele ambiente se sentem como as demais como objetos de manipulação, notadamente por parte do segmento político instalado no poder.

As comunidades tradicionais, como os indígenas mais especificamente com as terenas da Praça do Mercado municipal, procuram se manter vivo, cultivar suas terras de maneira sustentável, estudar para se defenderem dos que entram em conflitos por causa das terras cultiváveis, procurando seus direitos como qualquer cidadão. Os seus produtos são variados e em grande quantidade, a qualidade faz com que tenham clientes assíduos, precisam ter entre eles próprios o sentimento de fortaleza para sobreviverem com seus produtos.

Na Praça Oshiro Takemori há separações culturais que se evidenciam tal como ocorre na sociedade como tal, notadamente nas relações comerciais ali estabelecidas. Por mais que não haja explicitações preconceituosas para com os terenas presentes na praça, a mensagem se dá de forma subliminar nas conversas e nas atitudes durante processo de compra e venda de produtos, bem como nos

relatos de suas histórias de vida. Todavia é visível que há uma nítida luta pela sobrevivência diante de um recorte global.

A imagem que se tem ao observar a Praça Oshiro Takemori é de que ali se repete o que já se viu no decorrer da história, em que o Estado tornou os povos nativos subservientes e por isso submetidos a condições de uma duríssima luta pela sobrevivência. Para saírem dessa situação, no caso específico das terrenas da Praça Oshiro Takemori é preciso que tenha confiança em suas capacidade e iniciem o aprendizado sobre autogestão, democracia e participação. Os integrantes da Associação tem controle da gestão e já decidem, assegurando a transparência como órgão independente. Há regularidade e frequência nas assembleias e consultas como mecanismo de motivação dos associados, de modo a permitir a renovação e alternância na diretoria.

Para Tonnies, há uma relação e uma união dentro das comunidades/sociedades em questão, por ser comunidade indígena, que é o organismo vivente, e que se mostra como mecanismo maior para a sociedade. Essas transformações são visíveis dentro de suas organizações internas. Mas que, ainda precisam se ajustar de modo a se adequar, ao que realmente são suas prioridades hão de se manterem com seus produtos com o modelo alternativo de desenvolvimento interno. Como amálgama em suas uniões e relações para a sustentabilidade e sobrevivência dos povos indígenas (ÁLVARO, 2010).

Nem sempre existe reciprocidade nas relações que constituem as redes, formando elos que se multiplicam em movimentos cílicos dentro da sociedade /comunidade. Dentro das práticas que pautam as ações dos indígenas no que concerne ao empreendedorismo, no sentido de sustentabilidade, mesmo sendo da mesma etnia, poucos se unem para um bem maior com o objetivo de crescerem juntos. Há uma parte, que recebe bem a evolução do processo de união, outra se distancia e quebra os elos.

Do que se observa na Praça Oshiro Takemori permite afirmar que não mais é possível o isolamento cultural, até mesmo porque há uma aproximação espontânea nas relações interculturais. Isso, igualmente permite compreender o absurdo que existe em se declarar uma cultura superior à outra. A cultura é

complexa e rica por si só, não podendo uma ser subalterna em relação à outra por causa de cor de pele, de etnia, de religião, de qualquer que seja antiga ou nova.

Hoje os povos tradicionais vivem quase que do mesmo modo, em termos de subsistência. Suas terras são menores e pode-se dizer que, vivem em aglomerados humanos, confinados, obrigando-os a uma busca criativa de sobrevivência. Isso deveria servir como estratégia para os indígenas aprenderem a se respeitar, fortalecendo suas demandas internas, a terem respeito com o meio ambiente e com o próximo. Isso ajudaria para que eles também fossem respeitados.

Aqui se deseja ressaltar que nesse exercício de descrição da ambiência da Praça Oshiro Takemori há certa dicotômica entre a pessoa que procura conhecer de modo mais sistemático as relações dos sujeitos em observação. Mostrar a realidade adentrando no mundo em que eles vivem, compartilhando saberes e expectativas, constitui-se um desafio permanente, porque a rigor se trata do universo da experiência humana, qual seja: a dificuldade do relacionar-se com os nativos diante as diferenças indagando-se sobre o significado desse contato.

Para o etnógrafo o contato com os povos indígenas, no início parece uma estranha aventura, e logo depois torna-se natural em sintonia com o ambiente em que agora o rodeia.

Do ponto de vista físico e urbano pode-se encontrar na esquina da Rua Vinte e Seis de Agosto com a Rua José Bacha, contigua a Praça Oshiro Takemori, uma lanchonete que faz uma merenda rápida, onde se toma uma cerveja logo pela manhã, para os que gostam de apreciar, e que também prepara almoço para os que transitam na cidade e os que trabalham pela redondeza.

Figura n.01: Lanchonete no entorno da Praça Oshiro Takemori



Fonte: elaboração própria.

Observa-se dois restaurantes, um do lado do outro. Um mais antigo com seu forro alto de madeira, no estilo clássico com sua lajota de cimento com uma cor vermelha e outra quase apagada verde, quase não chamando à atenção a não ser para os frequentadores mais antigos. Pode ser que o outro que foi reformado chame mais à atenção de quem passeia um piso novo com lajotas de cerâmica grande, nas cores preto e branca.

Há também uma farmácia em os que trabalham atendem com paciência aos pedidos dos que não podem ter uma consulta médica adequada, sendo prescrita a receita mental do farmacêutico. Esse procedimento não é permitido por lei aqui no estado, mas o cliente leva confiando. As pessoas recomendam essa farmácia por causa do atendimento.

Na contiguidade da Praça Oshiro Takemori há uma pequena loja de artigos religiosos, na esquina da Rua Jose Bacha com Rua Sete de Setembro. Ali são vendidas imagens de santos e caboclos, muitos incensos de palito para queimar de variados aromas, terços de variadas contas, incensos mais grossos como areia e pedras pequenas para fazer defumação e limpeza na casa para os que acreditam na força do bejoin, mirra e incensos. Há promoções de velas avulsas ou nas caixas da

cor branca e de cores variadas, colares de contas coloridas de acordo com os orixás que fazem a sincronia com a igreja católica em quase todas as imagens de santo.

Figura n.02: Loja de produtos religiosos



Fonte: elaboração própria

Atravessando a Rua Sete de Setembro, ainda na Rua José Bacha depara-se com uma lanchonete e restaurante que só restou à placa e que agora entrou no ramo de importados, tudo para o lar desde cadeiras de balanço até panelas.

Figura n. 03: Antiga lanchonete e restaurante, agora casa de importados



Fonte: elaboração própria

Há uma portinha que se pode fazer uma “fezinha”, mas só para os frequentadores assíduos do local que saberão onde fica a loja do jogo do bicho camuflada pelo “ar de escritório”, com uma senhora para atender em sua mesinha de madeira, já envelhecida e os jornais velhos colocados a disposição de quem chega para a leitura, poder ser do dia ou de número anterior. Ao lado há uma loja de artigos religiosos e um *Pet Shop* que vende animais, ração e apetrechos para enfeite dos mesmos.

Figura n. 04: *Pet Shop*



Fonte: elaboração própria

A loja vende codorna, pavão, filhotes de cachorros da raça buldogue, labrador, galinhas, patos, galos, coelhos, cujo comerciante permanece ali há anos. O retrato geral é de abandono e permite imaginar como era o centro antigo de Campo Grande.

Podem-se alugar quartos nas casas antigas do perímetro que fizeram de seu quintal quartos ou mesmo cedendo lugar de sua casa transformando em um perfeito dormitório para os que preferem alugar quartos ou que não disponham de fiador.

Há uma loja de conveniência no andar térreo de um prédio, com frutas selecionadas da estação, sucos de uva entre outros. Os dois andares superiores são de apartamentos antigos, que pelo abrir e fechar de janelas estão com inquilinos.

Figura n.05: Pet Shop andar térreo do predio.



Fonte: elaboração própria

Vê-se também uma portinha, no quintal da frente, em que se põe uma máquina de “Xerox”, bonés, óculos, meias, cacheiros, bolsas e sacolas. As pessoas que trabalham nestes estabelecimentos são de cor branca, pardas e morenas. Alguns morenos são descendentes de libaneses e turcos.

Há também lojas de embalagens, descartáveis, panos de chão e algumas lojas com produtos de supermercado. As lojas de embalagens se somam. Uma casa já foi floricultura, agora é um restaurante, que tem na frente um senhor que faz churrasquinho na calçada.

Lojinhas de miudezas que se mantinham a duras penas se renderam a compra de um grande estacionamento, que está na construção de um prédio até então.

Um restaurante árabe que um dia já teve pompa e fama, agora esquecido e transformado em parte em salão de beleza e outra em lanchonete que agora fechou.

Figura n.06: Restaurante árabe transformado em lanchonete e salão de beleza (toldo verde).



Fonte: elaboração própria

As pessoas donas do estabelecimento árabe são brancas e as do salão são morenas e pardas muito comuns estes estabelecimentos na redondeza do comércio antigo de Campo Grande, MS. Há estabelecimentos que nunca se viu abrir porque estão com as portas lacradas pelo tijolo e cimento, não sendo possível saber o que se vendiam.

Na Rua Vinte e Seis de Agosto atrás da Praça Oshiro Takemori encontra-se um destacamento policial com suas viaturas e seus policiais que circulam de *bike* e os que fazem a ronda a pé pelo centro comercial antigo de Campo Grande MS.

Figura n.07: Destacamento policial



Fonte: elaboração própria

Há um escritório de advocacia, ao lado uma casa de espetáculos de *streep tease*, que abrigam moças que sobrevivem de seu corpo. Durante o dia há um fluxo intenso de veículos estacionando na Rua Vinte e seis de Agosto e homens se dirigindo discretamente para o referido local. A noite é mais explícito até porque acendem uma luz vermelha. Fluxo de carros continua e dentro do próprio estabelecimento na sua garagem com carros e motos.

Figura 08: Espaço onde fica o escritório de advogacia e ao lado casa de *streep tease*



Fonte: elaboração própria

Há lanchonetes que o fundo do quintal tem um estacionamento para quem não quer deixar seu veículo na rua.

Há também um Dentista que atende em uma casa, embora pareça com pouco movimento.

Caso se queira comprar ovos no atacado e a varejo é só ir à Associação CAMVA Cooperativa Agrícola e Mista de Várzea Alegre com um fluxo intenso de carros e caminhões durante o dia inteiro, na Rua Vinte e Seis de Agosto, nos fundos da Praça Oshiro Takemori, à noite só o vigia fica na frente. Na frente do estacionamento do Mercado Municipal Antonio Valente na Av. Noroeste fica um prédio abandonado ainda em construção e a Escola Municipal Oswaldo Cruz que desde que foi criada em março de 1927 como escola particular. A mesma se encontra intacta.

Figura 09: Vendedor de água de coco e garapa e Escola Municipal Oswaldo Cruz



Fonte: elaboração própria

Atrás do mercado municipal Antonio Valente situado na Rua Quinze de Novembro há uma das duas entradas do *shopping* dos Camelôs de Campo Grande MS, a outra entrada para o dito Camelódromo fica na Av. Afonso Pena. O Camelódromo é constituído de vários pontos comerciais um ao lado do outro, vendendo os mais variados artigos, como mantas, meias calças, luvas; roupas em

geral masculinas e femininas; eletroeletrônicos, rádios, pen drives, CDs gravável e regravável, CDs de músicas, cadeados, lanchonetes, perfumes, capas de celular, mochilas, etc

Figura n. 10: Entrada do Camelódramo na Rua Quinze de Novembro



Fonte: elaboração própria

Mais abaixo ao lado do Camelódramo, na Av. Noroeste, entre a Rua Quinze de Novembro com Av. Afonso Pena há um escritório de fazenda, com vidro fumê e uma entrada de estacionamento no meio daquele aglomerado de lojas que vendem e consertam aparelhos celulares. Há também uma distribuidora de bebidas que durante o dia tem movimento intenso e à noite aglomeram-se pessoas para comprar bebidas e ilícitos, mais adiante um rapaz negro que vende água de coco no carrinho.

Figura n.11: Estabelecimentos ao lado do Camelódromo na Av. Noroeste



Fonte: elaboração própria

Na Av Calógeras entre Rua Quinze de Novembro e Rua Vinte e Seis de Agosto fica um predio novo que foi o *Shopping 26 de Agosto*, recentemente desapropriado para dar lugar a órgãos da justiça estadual. Além do mais, o perímetro não é de muita circulação de pessoas que estão mais acostumadas com o Camelódromo do que com um *shopping*, que iria agregar o mesmo nicho de trabalho do outro, mais popular.

Figura n.12: Prédio do *Shopping 26 de Agosto*



Fonte: elaboração própria

No perímetro da Av Calógeras com a Rua Sete de Setembro e Rua 15 de Novembro localiza-se a Catedral Nossa Senhora da Abadia e Santo Antonio. Esta igreja foi reconstruída na década de 1990, mas a construção original é de 1912. Atualmente destaca seu vitral, ao centro a pomba do Espírito Santo nas cores branca, azul e vermelho. Circundando-a, figura a grande luz, emanada do pai celestial. Muitos mendigos, com seus cachorros, guardadores de carro, permanecem na praça arborizada e gramada em frente a esta igreja.

Figura n. 13: Catedral Nossa Senhora da Abadia e Santo Antonio



Fonte: elaboração própria

No passeio público há ambulantes e os personagens são pessoas que vieram na maioria do nordeste brasileiro e geralmente são homens morenos, que vivem da venda produtos de couro, como cintos, carteiras, porta cédulas, porta cartões, ficando na maioria das vezes nas esquinas.

Figura n. 14: Vendedores ambulantes



Fonte: elaboração própria

Senhores de cutis clara e cabelos brancos também vendem coberturas para sofá, redes e mantas. Outro senhor vende antenas para TV e um senhor negro

que engraxa sapatos com sua cadeira grande. Eles permanecem nas esquinas da Rua José Bacha e Rua Quinze de Novembro.

Pode-se medir a pressão arterial pela parte da manhã pelos serviços de uma senhora vestida de branco na Rua Quinze de Novembro entre Av. Calogeras e rua José Bacha. Igualmente se pode comprar ervas secas para chás em duas bancas que se deslocam todo dia e que ficam dispostas uma de um lado da calçada da rua e outra de outro lado calçada desta rua.

2.1 O MERCADO MUNICIPAL ANTONIO VALENTE

O mercado Municipal Antonio Valente de Campo Grande MS, fica bem no centro de comércio antigo com um fluxo de pessoas intenso durante o dia inteiro, desde as 06h30m até as 18h30m. Seus produtos e bancas são variados, com lanchonetes e o famoso pastel que aos domingos são sagrados para muitos que acorrem para saboreá-los incluindo outros salgados, também famosos como a chipa paraguaia, sopa paraguaia entre outros salgados e bebidas, como sucos, cafés, leite, chás e refrigerantes.

Figura n. 15: Frente do Mercado Municipal Antonio Valente



Fonte: elaboração própria

Quem vai ao mercado municipal encontrará ervas variadas para fazer tereré, uma bebida feita da folha da erva mate torrada e outras folhas misturadas com sabores de hortelã, tutti frutti entre outras. Encontram-se também artigos feitos de couro, garrafas para armazenar a água gelada para tomar tereré, encapada com couro de boi, pirografadas ou lisas e coloridas, facas com bainhas de couro, chaveiros de couro de todos os tamanhos, chapéus de couro, palha, sapatos, botas e botinas femininas e masculinas, além de produtos da Herbalife, raízes, carnes, frutas, legumes e verduras.

Há também boxe de atacadados com suas sacolas prontas com o básico para se ter na cozinha, como óleo, arroz, feijão, macarrão, açúcar etc em cestas pequenas e cestas grandes. Outros boxes vendem o café moído na hora e que cheira longe, perfumes, hidratantes, batons de variadas marcas, enfeites e lembranças artesanais, retratando os bichos do pantanal como: onças, jacarés, tuiuiu. Encontram-se também picolés cremosos de pequi, jatobá e cumbaru, laranjinha de pacu que fazem parte dos cítricos entre outros. Existem também um sem número de panelas de ferro, panelas de cobre, faqueiros, utensílios para a cozinha, plantas ornamentais.

Além dos produtos já indicados ainda são encontrados no Mercado Municipal Antônio Valente, vinhos brancos e tintos dos mais em conta aos de melhores safras; encontrará alface crespa, americana, mandioca descascada e cortada dentro de balde com água para conservar, cenouras, batatas, bananas, alho, ervas de condimentos, pimentas em garrafas dos vidros bem pequenos as maiores como as garrafas todas enfeitadas com as diversas cores de pimentas bodinha, dedo de moça entre outras. Farináceos em sacos grandes, polvilho azedo e doce, farinhas do Pará, de Anastácio, farinha de milho. Em passado próximo, a maioria dos Box pertenciam a japoneses.

Figura n. 16: Vista do interior do Mercado Municipal Antonio Valente



Fonte: elaboração própria

Na listagem de produtos encontrados no Mercado Municipal Antonio Valente ainda consta panos de enxugar prato, panos para enfeitar a cozinha e fogão, sabonetes artesanais transparentes, queijos meio-curado, em pedaços e ralado, azeitonas a granel, manteigas a granel, doces de leite em pedaços, em calda [conhecido como cachorrada], doce no cone, doce de leite embalado na palha e pendurado em uma cordinha, mel de abelha, melado de cana, carne bovina e suína nos três açouguês [existe um único senhor índio que trabalha em um dos açouguês]; peixes [piranha, pacu, camarão, pintado, polvo, tilapia, lambari etc] congelados.

Em termos de outros serviços há uma casa lotérica e uma caixa automática 24 Horas do Banco do Brasil.

Na mesma calçada esquina da Av. Noroeste com Rua Sete de Setembro, do lado de fora do mercado municipal há um estacionamento, no qual o cliente não paga caso compre qualquer produto no mercado municipal. É preciso que o tiket seja carimbado por quem efetuou a venda ao cliente. Esse tiket é entregue na saída do estacionamento. Em sua calçada há a sombra de uma mangueira que abriga três ou quatro senhores que fazem frete com caminhonetes e com caminhão baú.

Mais atrás há um quiosque de um senhor branco com olhos azuis e sua esposa, que vendem caldo de cana e água de coco, bolo e pudim. Ela sai e oferece

seus produtos pela redondeza ele fica no quiosque. Afirmam estar a muitos anos naquele lugar.

2.2 HISTÓRICO DA PRAÇA OSHIRO TAKEMORI

Foto n. 17: Vista geral da Praça Oshiro Takemori



Fonte: elaboração própria

A feira foi criada no começo do século XX, percorreu vários lugares da cidade, mais precisamente cinco, e instalou-se finalmente, neste último onde está há quase 40 anos. Sua história se inicia com a construção da estrada de Ferro Noroeste do Brasil, no inicio do século XX. A imigração estva em pleno crescimento na região de Campo Grande e começaram a chegar os primeiros japoneses oriundos do porto de santos em São Paulo, passando a dedicarem-se à horticultura e a fruticultura. A princípio, na Rua do Mangue, perto do Córrego, e mais tarde, em chácaras na região do Segredo, que fica localizado ao norte da cidade.

Sua concentração se inicia ali e começam a produzir hortigranjeiros que seriam comercializados na cidade, em vários pontos, não havendo ordenação e assim se inicia o processo de abastecimento local da cidade (ARRUDA, 1995). Mais precisamente na década de 1920, por razões de ordem econômica, a cidade de Campo Grande passou por uma crise em termos de abastecimento. A lavoura entrou

em queda e gêneros alimentícios em falta provocaram o surgimento da ideia de criar estímulos para a comercialização livre de produtos (Arruda, 1995).

Em 1927, pela Resolução nº 140, de 22 de abril, a feira passou a funcionar também às Quintas-Feiras e Domingos, das 6 às 10 horas, já em outro local – praça atualmente denominada Oshiro Takemori – sob a supervisão de fiscais da municipalidade. Os feirantes já possuíam locais pré-determinados pelos fiscais para instalar suas barracas. Como referência histórica, o intendente municipal era o Dr. Jonas Correa da Costa (ARRUDA, 1995).

A praça foi inaugurada em 28 de agosto de 1960, recebeu o nome de Praça João Pedro de Souza. A partir de 26 de agosto de 1964, passa a denominar-se Praça Oshiro Takemori, um dos grandes impulsionadores do estado. E seu nome foi uma homenagem à colônia japonesa que em grande maioria estabeleceu comércio no mercado municipal (ARCA n.º6).

2.3 A PRAÇA EM TERMOS TÉCNICOS (EQUIPAMENTO URBANO)

A praça tem um espaço de 1.767,92m² e sua área comercial tem aproximadamente 235,59 m². Em estrutura de alvenaria de 34,53 m² contém sanitários masculinos e femininos, depósitos de apoio aos quiosques e sala com banheiro privativo para a administração, segurança ou outras atividades. Também foi criado uma área molhada (tanques) para apoio aos comerciantes.

Os caminhos internos e externos foram feitos em cimento polido. Nos pisos dos quiosques a paginação proporciona um desenho cuja cor é utilizada nas cerâmicas indígenas e o material usado foi o granilite colorido, usado também no revestimento dos balcões. A arborização adulta pontuou as áreas de convivência formando caminhos e o espaço foi organizado em três oca.

2.4 A ESTÁTUA DA ÍNDIA TERENA VENDEDORA.

Na Praça Oshiro Takemori foi posta e inaugurada a escultura da Índia Terena é uma homenagem as nove etnias indígenas que sobrevivem em Mato

Grosso do Sul. A escultura foi feita por Anor Mendes, que se inspirou nos trabalhos que são produzidos pela artesã Indiana Marques.

A estrutura mede três metros de altura, e foi confeccionada em resina, sílica e dolomita e demorou 30 dias corridos para ser produzida. Para a realização desta obra foram utilizados recursos no valor de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) provenientes do Fundo de Investimentos culturais (FIC) da Fundação de Cultura do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Campo Grande News, 10/12/2012).

Figura n. 18: Estátua que representa a índia Terena vendedora nas ruas.



Fonte: elaboração própria

2.5 OS QUIOSQUES

As mulheres indígenas Terenas presentes na Praça Oshiro Takemori estão distribuídas em três quiosques que se estendem pela praça. O primeiro quiosque localiza-se próximo da Rua José Bacha; segundo e o terceiro quiosques ficam na sequência em direção ao cruzamento das Ruas Vinte e Seis de Agosto e Sete de Setembro, em direção à Escola Municipal Oswaldo Cruz na Av. Noroeste.

Figura n.19: Quiosque da Praça Oshiro Takemori



Fonte: elaboração própria

Para venda de seus produtos, as terenas pouco ficam no primeiro quiosque, uma ou duas tereneas no máximo em períodos não festivos, alegando que o quiosque fica atrás do ponto de táxi impedindo a visibilidade dos clientes e que o canteiro que não tem grama não ajuda também os pedestres a chegarem mais próximo para apreciar seus produtos.

Este quiosque por ter sempre poucas índias terenas duas e no máximo três é a mais conservada limpa e “organizada” e não ficam com roupas e malas à vista dos clientes e turistas que por ali transitam, nem lixo dos produtos que ali se vendem. O quiosque tem artesanato com penas, cocares, chaveiros, e maracás, garrafas pet com jatobá em pó, bocaiúva em pó, mel de Europa em garrafas

transparentes de cachaça, pimenta vermelha em saquinho, seiva de jatobá em garrafas *pet* de 2 litros e garrafa de água de 500 ml e palmitos mais finos e mais em conta.

Frutas e legumes têm de Quarta-feira até Domingo, que a senhora vice presidente da associação dos feirantes não terena, que viaja toda semana para a aldeia trás produtos e compra dos atravessadores. Outras terenas que passam pelo quiosque, mas não param lá para venderem, prefere às esquinas por causa de o quiosque estar atrás do ponto de táxi e árvores que atrapalham a visão de seus produtos.

Figura n. 20: **Quiosque da Praça Oshiro Takemori**



Fonte: elaboração própria

O segundo quiosque é bem mais repleto de frutas e legumes, feijão de corda, milho, pimenta em garrafa, em saquinho, as bacias com frutas da época, guavira, manga, jaboticaba, limão, tamarindo, palmito amargo [gariroba], palmito

doce e pequi. Como se pode depreender, o segundo quiosque conta com a presença de um número maior de mulheres índias terenas e, portanto, com produtos mais variados e bem melhor distribuídos no balcão do quiosque, de forma a chamar atenção do cliente, pela fartura de produtos e a facilidade da calçada seguir em direção ao quiosque delas sem canteiro com grama ou plantas para atrapalhar o pedestre. As índias Terenas são quatro de uma mesma família, uma mocinha de outra família terena que de semana em semana vem seu pai e sua mãe para a cidade para trabalhar no quiosque e uma paraguaia que a princípio vendia salgados agora vende também produtos com as Terenas e lava os banheiros da praça.

O quiosque fica perto do ponto de ônibus, possuindo alguns obstáculos a ser transposto pelos clientes o canteiro sem grama ou forrações. Ali estão os produtos de duas terenas da mesma família primas e tias. Vende-se também palmito amargo e doce mais finos e grossos que o mais finos são mais baratos e o mais grossos são mais caros, milhos ensacados, feijão de corda, maxixe, abobrinha, abóbora cabotiã, tomatinho, pokã nas bacias, as vezes galinhas caipiras dentro do quiosque para a venda muito de vez em quando. O quiosque é o mais cheio de terenas e por este motivo mais cheio de malas e colchões enrolados e enfiados entre os balcões do quiosque na parte de dentro; e de fora do quiosque, caixas dentro e fora do quiosque, roupas estendidas e carrinhos para levar mercadorias, bancos, cadeiras para sentar, facão, pedaço de tronco para limpar palmito e seus restos sendo deixados ali mesmo e no fim do dia retirados e ensacados e levados para aos latões de lixo do mercado municipal logo em frente.

Figura n. 21: Quiosque da Praça Oshiro Takemori



Fonte: elaboração própria

Todos os três quiosques têm uma abertura, do ângulo de quem esta de dentro a olhar para o mercado municipal do seu lado esquerdo, e que a noite quando as índias Terenas que permanecem para dormir colocam duas caixas de feira para “fechar” a entrada do quiosque. Também tem lonas que baixam quando este frio para aquecer quem dorme e para proteção da chuva quando muito forte ou vento. Fazem varal para secar a roupa a noite porque lavaram a roupa e vão estender na parte da noite para não atrapalhar as vendas durante o dia.

2.6 A HIGIENE DA PRAÇA

O lixo destes fica ao lado de seus respectivos quiosques sempre para o lado direito de quem visualiza o quiosque de frente para a praça. O primeiro quiosque deixa ao lado e recolhe ao final do dia. O segundo quiosque fica ao lado da casa de apoio seus palmitos que são muito não dá para deixar todos expostos então apóiam na casa e ali mesmo fazendo a limpeza quando um cliente compra permanecendo o dia inteiro sendo só recolhido no final do dia ficando aquele montueiro de restos dos produtos que elas as índias oferecem para os clientes. O

terceiro quiosque da mesma forma deixando do lado do quiosque e faz sua limpeza em cima de um tronco já gasto e ao redor caem as cascas de palmito que ao final do dia serão recolhidas pelo índio terena que é alcoólatra e o mendigo que é o mais maleável de lidar para pedir algo e ele fazer em troca de um trocado no final do dia.

Figura n. 22: Casa de Apoio, sanitários e outros equipamentos



Fonte: elaboração própria

No banheiro não há assentos para os vasos sanitários, a pia não tem encanamento ficando balde em baixo da pia, que é usado como lixeiro. Para tomar banho existe apenas água gelada e as índias terenas se sujeitam a fazer sua higiene diária com a água sem chuveiro elétrico como aqui esfria e certa ocasião deveria ter, mas isto é um conforto que elas não usufruem. O vitraux não tem os vidros, apenas os ferros. No outro banheiro há um cadeado. Os pedintes estão sempre rondando a casa de apoio e quebrando os cadeados onde do lado de fora fica os dois banheiros feminino e masculino e dois tanques.

As índias Terenas da praça se mobilizam para que fique limpa e organizada quando está marcada alguma reunião com pessoa de fora da praça. Esmeram-se ao máximo para causar boa impressão. Sabemos que não é dever delas tão somente a prefeitura deveria estar lá tentando a exterminar os ratos que estão atacando a casa de apoio que não pode nem entrar para usar a casa para nada sabendo que ratos moram lá. As índias Terena de um quiosque a que está se sentindo prejudicada diretamente pelos ratos por estar na frente casa de apoio duas se reuniram e compraram veneno para rato e os outros quiosques as duas da extremidade da praça não se cotizaram.

2.7 HISTÓRICO DA ETNIA TERENA

A longa história do povo terena está entrelaçada com os povos indígenas da Europa, da África e de seus descendentes. Fazem parte também da história dos grupos indígenas que vivem em várias regiões e países da América.

Esta história pode ser visualizada pelos objetos de cerâmica, tecelagem, instrumentos musicais, textos escritos, desenhos, pinturas, fotografias feitas por brancos que para estabelecer contatos fizeram em diversos momentos com a etnia.

Nestes contatos foram feitos para também se ouvirem relatos orais de suas histórias, dos mais antigos da tribo. Tendo a língua o mais importante fonte que se tem para o conhecimento de sua história.

A língua falada pelos terenas tem traços em comum com a língua falada pelos Laiana e pelos Kinikinau que embora tenham mesclas que faz com percebemos a língua falada é a Aruak tronco comum entre elas porque podemos saber um pouco mais sobre a origem destes povos. Suas influências e podem nos levar a conhecer as que os terenas que moram e Cachoeirinha falam diferente dos terenas que moram em Taunay assim como no Brasil é cheio destas diferenças culturais que mostra-nos que falamos a mesma língua o Português, mas que tem diferenças em cada região do país e de Portugal.

Dentro de todo esse arcabouço linguístico podemos também conhecer se um terena é de Taunay, de Ipegue e de Bananal, ou de outras aldeias pelo fato da semelhança no falar.

2.8 Os Aruak

Os povos que habitavam as Guianas Francesas próximo ao norte do Brasil e ilhas que estão localizadas na América central. Os europeus dominaram a localidade os Aruak dividiram e disputavam as mesmas terras com outro povo indígena os Karib.

É um conjunto de línguas encontrado nos povos na parte sul da América latina.

Os falantes da língua Aruak espalharam-se pela América latina e não habitam em único país. Os povos que vivem mais ao sul no continente são os terenas.

2.9 Os Falantes Aruak no Brasil

Os agrupamentos dos povos indígenas que falam a língua Aruak podem ser feita pelas regiões que habitam. Sendo pautado pelo Rio Amazonas.

No norte do Rio Amazonas são vários no afluente do Rio Negro os Boníwa do Rio Içana são um grande número de pequenos grupos que todos falam a língua Aruak com pequenas diferenças.

Em outro afluente do Rio Negro o rio Xié, vivem os Warekana e sua língua difere pouco dos vizinhos Baníwa.

Outro grupo que fala pouco seu idioma Taríana que se mudou do rio Içana indo para a região do Uapés, adotando a língua de seus vizinhos os Tukanos. O grupo íueme é um entre tantos que ainda preserva sua língua Taríana muito próxima da língua dos Baníwa do rio Içana.

Os grupos que habitam o rio Negro Baré, Mondawáka, e Yabaáno, não mantiveram a língua aruak e falando em sua maioria portugues.

No estado de Roraima as margens do rio Branco vivem os Wapixana, no Amapá os PaliKur na bacia do rio Oiapoque falam uma língua muito próxima com poucas diferenças. No sul do rio Amazonas existe grupos que podem ser agrupados pelas áreas que ocupam que são quatro as mais importantes.

A primeira delas situada no sudoeste do estado do Acre vivem os Apurinã ou Ipurinã no percurso do rio Purus, no alto do rio Juruá os Kámpa, no rio Iaco os Maxinérí e Manitenérí, falam a língua Piro no rio Iaco em um afluente do rio Juruá.

No oeste do Mato Grosso vivem os Paresi e Salumã no rio Juruena afluente do rio Tapajós.

No alto do rio Xingu vivem os Mehináku, Waura e Yawalapití nesta terceira área. E a quarta e última o povo Terena que vive nesta área mais meridional da família Aruak, habitando próximos aos rio Aquidauana e Miranda com afluentes no rio Paraguai no Mato Grosso do Sul.

Houve um grupo que foi transferido para São Paulo, onde vivem os Kaingang e Nhandeva (Guarani) na localidade de Bauru. Como consequência deste deslocamento destes Terenas também sua língua é falada na localidade.

Os Moxo vivem na Bolívia que mantém sua língua que fala o Aruak e os Choné que hoje em dia só falam o espanhol. Os Guaná no Paraguai que aparentam não mais falar o Aruak.

A língua Aruak é falada por todos estes grupos indígenas quer tem diferenças entre si, indicando uma origem comum em seus costumes, mas sendo semelhante de organização social. Todos esses grupos foram possuídores ou ainda possuem as mesmas formas características como a organização interna sua tradição é que são agricultores e confeccionadores das técnicas de tecelagem e cerâmica.

2.10 Os Povos Nativos do Brasil

É claro que desde o inicio da vinda de pessoas que não eram nativas para “descobrirem” o então território nacional primeiramente chamado de Ilha de Páscoa se depararam com povos nativos que realmente deveriam ter uma diversidade cultural muito grande e diferente entre si. E claro que com a vinda de outras nacionalidades de colonizadores europeus portugueses, escravos africanos, e de todos os imigrantes que aqui vieram em busca de nova terra como os italianos, árabes, espanhóis, alemães, japoneses e tantos outros.

Mais tarde dando o amálgama para a formação do povo brasileiro que hoje vive na cidade e no campo.

Os Portugueses foram um dos povos que por primeiro fincaram a bandeira aqui e mais tarde denominaram o território de Brasil. Mas para chegar a este período aconteceram várias guerras que e claro fizeram-se acordos e alianças que entre os vários grupos que aqui já tinham se instalado.

Houve a igreja católica que por costume vieram catequizar os povos ainda não tementes a deus na época e assim fizeram.

A diferente história de ocupação do território pelos povos que foram se encarregando de fazer contatos entre si, que por meio de alianças enriqueceram suas heranças culturais ou tiveram que fazer guerras para ter o poder de áreas mais férteis ou de melhor comunicação.

No Brasil a população indígena constitui-se por diversos povos com costumes e crenças próprias e que por serem povos que ainda mantém sua língua que são diferentes, e esta diferença os mantém com os seus costumes tradicionais que é atualmente garantido pela constituição federal de 1988 no artigo 231:

"São reconhecidos aos índios sua organização social costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens."

Conjuntamente está garantido na constituição no artigo 210:

"O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem."

No Brasil existem aproximadamente 200 povos indígenas e que falam mais ou menos 170 línguas população essa que corresponde a umas 250 mil pessoas espalhadas pelo território nacional.

Na época da chegada dos portugueses aqui na terra provavelmente as línguas faladas eram muito maiores. Seus habitantes também não se tem estimativas mas imagina-se que também seriam maiores em população na época da chegada dos europeus.

As línguas indígenas desapareceram com mais intensidade em locais em que os colonizadores foram mais intensificados como na região sudeste, nordeste e sul do brasil. Podendo ser agrupadas em grupos que se chamam de "famílias linguísticas" que tem falantes em outros países, como o Tupi-guarani, Korib, Pono, Jê e Aruák.

E as famílias menores que são as: Guaikuru, Yanomami, Tukano e Moku. Existem também as línguas isoladas que os estudiosos não sabem a origem e nem que família pertencem.

2.11 História da origem do Povo Terena

Conseguir desvendar a história de um povo não é tarefa fácil, por este motivo se recorre a história oral que para os povos da etnia Terena como outros povos indígenas está dentro de uma lenda que perpassa por gerações e também modifica-se de acordo com a região mesmo sendo da mesma etnia sendo diferentes na situação e o momento. O mito pode ser contado de várias maneiras. Os Brancos também contam a origem de suas histórias de vários jeitos e com o decorrer do tempo vai naturalmente se modificando, mas também não perdem a essencia.

Em 1995 de acordo com a tradição dos Terenas, os professores da aldeia de Cachoeirinha, explicaram desse modo a criação de seu povo:

"A criação do povo Terena

Havia um homem chamado Oreka Yuvakae. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai e nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho olhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi.

Este homem, por curiosidade, começou chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram povos terenas. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco.

Oreka Yuvakae, preocupado, queria comunicar-se com ele se ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia.

Finalmente ele convidou o sapo para fazer apresentação na sua frente, o sapo teve sucesso pois todos esses povos deram gargalhada, a partir daí eles começaram a se comunicar e falaram para Oreka Yuvakae e que estavam com muito frio."

2.12 Acontecimentos na História do Povo Terena

A saída do Êxiva foi o primeiro deles, atravessando o rio Paraguai, que tornou-se a atual ocupação da região em que se localiza o Mato-Grosso do Sul. Duraram muito tempo, as migrações ocorreram no período do século XVIII. O território que os Terena ocuparam era um território vasto, afeitos à agricultura e acordaram alianças

de grande importância com os Guaicuru e com os portugueses. O período foi chamado de Tempos Antigos. Outro acontecimento importante mudaria para sempre a vida dos Terena, que foi a Guerra do Paraguai. Que aconteceu durante 1864 a 1870. Nesta guerra, participaram os países Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai e envolveu consequentemente os escravos africanos e os povos indígenas habitantes das regiões próximas ao rio Paraguai. Os Terena e Guaicuru juntaram-se aos brasileiros e guerrearam para conseguirem preservar seus territórios. Depois da Guerra do Paraguai, aconteceram mudanças drásticas na região e, para os povos Terena, que perderam a maior parte do seu território, e que passou a ser disputado pelos proprietários de terras os brancos, que mudaram-se e ou chegavam cada vez mais para plantar e criar gado. O período chamou-se de Tempos da Servidão. O terceiro momento foi a delimitação das Reservas de terras da etnia Terena, iniciado com a chegada da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas que foram chefiadas na época por Cândido Rondon, e continua até o momento presente. Essa época, do começo do século XX até os dias atuais, e é marcada por uma maior proximidade com a população branca, denominada de os purutuyé, com mudanças dos hábitos e costumes terenas. Os Terena foram e até hoje têm sido obrigados a se submeterem a trabalhos para os grandes e pequenos proprietários de terras particulares. Este momento é o contexto atual vivido pelos Terena, que fazem sua história, e buscam maior autonomia enquanto povo, e consequentemente mais direitos como cidadãos brasileiros que são.

4 O TRABALHO NO CAMPO

4.1 CONTATOS INICIAIS

A princípio não foi nem um pouco fácil chegar a conversar com as índias Terena que trabalham como feirantes na Praça Oshiro Takemori. Por estarem no centro comercial antigo estão sempre sendo fotografadas, questionadas por pesquisadores, por repórteres que estão a fazer alguma reportagem com elas, sobre elas, sobre os seus produtos, sobre o descaso que está à praça entre outros. Pessoas como algumas pesquisadores que passaram pela praça levavam um

agrado para as terenas, um salgado, docinho, pagavam algo a mais então realmente não podíamos fazer nada disso porque nossa proposta não era essa.

Por esse motivo as terenas estão meio que saturadas de pessoas que vêm na praça para saber de sua situação e não fazem nada literalmente para ajudá-las em suas demandas, que não são poucas, mesmo sendo a praça pequena e com poucas índias no decorrer do ano. Só aumenta o número delas e de crianças em datas festivas e férias escolares. Nesses períodos de datas festivas sempre conseguem melhorar suas vendas

Na mesma Praça Oshiro Takemori convivem no mesmo espaço pedinte, dependente químicos, dois índios que são dependentes de bebida alcoólica entre outras pessoas e um homem que se mistura com os pedintes e que trabalha vendendo sabão líquido e amaciante caseiro, mas que também permanece quase que o dia inteiro na praça sem fazer nada. Outro rapaz que vendia carteira e cintos de couro com jóias de aço que não vende mais para ficar como “olheiro” do PCC e outra senhora que perambula na região central também com a mesma função aqui em Campo Grande MS. De tempos em tempos outros antigos mendigos somem e depois voltam para a Praça Oshiro Takemori pelo dia de receber, geralmente no inicio do mês, seu dinheiro de aposentadoria. Muitas destas pessoas supõem-se, estão nessa condição de já terem conseguido se aposentar por serem pedintes e viverem na rua.

No primeiro quiosque onde fica à senhora que não é índia, é viúva de um índio e que está sempre sendo convocada para se candidatar ou se candidatando as índias não souberam precisar para os cargos da Associação dos feirantes indígenas da Praça anteriormente como tesoureira e está como vice-presidente no momento. Não se sabe ao certo sua situação na praça umas não gostam de sua presença por não ser índia e outras já apoiam ficando assim divididas em suas opiniões. Para não ser deposta da praça porque ela não é índia e não é muito bem aceita pelas outras índias feirantes esta senhora índia faz um circuito de feiras que as índias terenas não fazem, vai para feira Central, Feira do Guanandi, Feira da Ceará, e quando é tempo festivo, fica nas esquinas onde há mais movimento de pessoas.

No segundo quiosque há uma família de três índias terenas que estão acompanhadas de uma senhora paraguaia, que começou vendendo salgados na

praça e agora vende também os mesmos produtos junto com as índias terenas. Para melhorar a renda ela ficou encarregada de limpar todos os dias os banheiros pela manhã.

No terceiro quiosque é onde fica à senhora que é presidente da Associação dos Feirantes Indígenas da praça. Mas trabalhar ali não é fácil porque o endereço da Associação das indígenas Feirantes da Praça está na casa de um patrício que tem venda de produtos na praça no quiosque do meio e suas irmãs e mãe que ficam neste quiosque e o endereço da associação dos feirantes indígenas pelo visto está desde quando foi criada a praça. Consta que ele não tem interesse de colocar o endereço da Associação na praça.

É neste quiosque que mais permanecem durante o dia e dormem a noite as índias terenas que passam longos períodos na Praça Oshiro Takemori para vender os produtos. Por este motivo este quiosque fica com muitas roupas e malas espalhadas, colchão enrolado semelhante a um quarto, mas sem paredes para esconder a “bagunça” feita. Uma das índias terena praticamente mora neste quiosque, outra vai para sua casa no período noturno no Bairro Marçal de Souza e volta toda manhã, as outras ficam lá, dormem e vão para aldeia e de vez em quando retornam à praça.

Todas elas que realizam seus negócios de feirantes na Praça Oshiro Takemori são da etnia Terena, umas são da aldeia cachoeirinha de Miranda e outras da aldeia Limão Verde e Bananal em Aquidauana. Os quiosques são mesclados de índias católicas e evangélicas e há as que detêm o saber oculto da feitiçaria. Há realtos das índias que mesmo, poucas trabalhando na praça, e que elas não se entendem para chegar a um denominador comum sobre determinados assuntos. Por vezes são atacadas por feitiços dos próprios patrícios.

Nem todos os produtos são trazidos das aldeias e os que vêm para serem comercializados vêm de ônibus, no bagageiro. Somente um dos motoristas, que fazem o trajeto dos municípios para a cidade, faz uma parada generosa na frente da praça das feirantes índias que é o ônibus da manhã. Todos os que têm algum produto esperam por este ônibus para não haver dificuldade no deslocamento que já é distante da aldeia para o município, e do município para a cidade de Campo Grande.

São poucos homens envolvidos nos negócios das terenas feirantes da praça dada a importância atribuída à mulher nesta etnia. Os homens são mais coadjuvantes, ficando sempre atrás nos bastidores, no contexto da feira na praça. Muitos são membros do Conselho Municipal dos Direitos e Defesa dos Povos Indígenas que somam ao todo dezessete. Dezesseis já são lideranças de etnias e um é ligado ao governo de Campo Grande MS. Mesmo tendo poucas responsabilidades diante da importância das mulheres, elas se destacam.

Há outras histórias entre eles, dois que se envolvem com os drogados da praça porque são alcoólatras, terminam agregando-os no contexto das feirantes. Um outro rapaz que é alcoólatra se juntou às índias por ser mais flexível de lidar com ele podendo lhe pedir qualquer coisa, ele que não é índio, mas que já se tornou de coração porque se oferece e faz o trabalho o dia inteiro para trocar por dinheiro para comer e lógico para beber. Outro índio também não volta de jeito nenhum para sua aldeia, inventando uma série de histórias, como desculpa como acidente de carro com sua família em que morreram todos, que é segurança na praça e que trabalha de carteira assinada e não pode morar na aldeia por fazer falta na praça. Sendo que sua família está viva e bem na aldeia, mas ele inventa várias histórias para não sair da praça onde se sente acolhido.

A polícia já avisou para as índias terenas não pedirem nada para eles (os pedintes, drogados e bêbados) em troca de dinheiro como limpar a praça, limpar os produtos na água, descascar milho, debulhar feijão, pedir para comprar coisas e levar produtos em carrinhos etc.. Alegações é a de que se elas insistem em continuar com este procedimento, a polícia não pode fazer nada para ajudá-las. Mas há mulheres terenas índias que não cumprem tal orientação, como afirmou a vice presidente da Associação, dando a entender que as outras insistem em continuar com esta prática.

4.2 O COLETIVO

Mais um dos vários motivos que as terenas ainda não conseguem avançar no foco de suas questões, é porque dentro do ambiente onde trabalham e

ganham os sustentos de seus familiares não se entendem. Devem ser feito um esforço por parte delas próprias, em âmbito associativo, a princípio de confiança. Dos três quisques, dois estão de comum acordo em relação às coisas da feira e uma está sempre isolada a da presidente da associação. Já os três quiosques defendem a mesma ideia quanto à melhoria da praça. Dois dos quiosques já concordam e trabalham com os mendigos que ficam na praça mesmo outro quiosque não aceitando esse procedimento.

A informação internalizada é de extrema importância para as terenas no sentido de desenvolver a capacidade de ganhar confiança, em benefício das mesmas. As pessoas potenciais clientes, vêm em busca às vezes de benzeduras coisa que elas já não fazem ou deixaram de fazer por ser de outra religião ou por terem sido criadas nesta nova religião. Mas como a grande maioria é praticante da religião evangélica não aceita essas práticas ou esconde que praticam para invisibilizarem ainda mais.

Figura n. 23: Alguns produtos comercializados pelas terenas.



Fonte: elaboração própria

4.3 AMBULANTES OFERECEM SEUS SERVIÇOS E PRODUTOS PARA AS TERENAS FEIRANTES

Na praça passam todos os dias pessoas vendendo seus produtos para as índias, muitos produtos como vassouras, rodos, sabão de álcool, jóias em ouro,

agiotas colombianos oferecendo seus empréstimos em dinheiro, Avon, Natura, sapatos femininos e masculinos, sandálias femininas, calcinhas, sutiãs, bolo, pudim, bolsas de napa coloridas, roupas femininas e masculinas. Muitas pessoas também doam roupas usadas para as índias e também querem fazer troca de produtos das índias pelas roupas que vem trazendo a pesquisadora sempre arrumou roupas para as terenas que eram doadas pela senhora da vila onde a pesquisadora reside.

Os clientes que vêm comprar na praça das feirantes índias terenas, algumas das vezes querem que as terenas saiam do quiosque para atenderem no carro na rua, porque não querem sair do carro, ou pelo fato de não conseguirem estacionar e/ou estarem com pressa.

Para ser vendedora da feira não basta ter mercadorias, é preciso estar disposta o dia inteiro para atender os clientes que, na maioria das vezes dão entender que estão fazendo um favor. Como precisam do dinheiro as índias terenas se submetem a este tipo de situação. Às vezes os clientes nem levam a mercadoria que tanto escolheram, apertaram, cheiraram, abriram e pediram desconto. As terenas não reclamam, ficam olhando ou reclamam depois que a pessoa foi embora e não comprou. Algumas terenas passam o dia sem falar quase nada, soltando alguma fala durante o dia, outras conversam mais o dia inteiro, mesmo sendo muito desconfiadas, outras só conversa com quem mais tem intimidade.

Entre elas não há muito a divisão das amizades, imaginam perder a amizade ou cargo que se está almejando. Há uma disputa interna grande entre elas, por isso não chegam a um denominador comum em quase todas as vezes que se reunem, havendo divergências mesmo, e principalmente com quem as lidera a presidente da associação.

Uma única vez, diante de todas as dificuldades que as feirantes terenas passam na Praça Oshiro Takemori, ouviu-se uma cliente reclamar de seus produtos, comentando sobre o saco de milho que contém seis espigas, que ela havia comprado reclamou estar azedo. Não foi explicado nada da parte das terenas, mas depois que a senhora comprou outro pacote de milho e foi embora se comentou que poderia ter sido por ficar no sol o dia inteiro, exposto no balcão do quiosque. Quase todas as pessoas que compram com as terenas conversam sobre vários aspectos de suas vidas e as terenas trocam conversa ou às vezes só ouvem o dia inteiro.

4.4 A SUSTENTABILIDADE DA PRAÇA

Uma pequena parte dos produtos das feirantes terenas vem das aldeias, outra quantidade muito superior vem através de pessoas que trazem de suas próprias chácaras ou fazendas. De acordo com o preço ofertado as terenas compram ou não. Um senhor que vai ao Ceasa e traz alguns produtos de lá. Outros vendedores vêm todas as semanas para descarregar seus produtos. Um senhor com cabelos brancos têm clientes no mercado municipal, na Conveniência chamada Alemão e na outra Conveniência Salvador que são do mesmo dono, traz sempre milho.

Figura n. 24: Alguns produtos comercializados pelas terenas



Fonte: elaboração própria

No decorrer dos meses, em dois ou três dias da semana chegam produtos para as terenas de pessoas previamente contatadas. Há casos de outras que só vêm oferecer os produtos esporadicamente. Pelas manhãs vem um rapaz entregar mangas para senhora do primeiro quiosque, que ela havia encomendado. O deslocamento é a maior dificuldade de todas as pessoas que trabalham neste ramo, notadamente quando os produtos vêm das aldeias.

Pela manhã, bem cedo, às vezes vem um senhor, de cabelos ruivos e um pouco careca, agricultor, vender milho. Ou senhor, parecendo bem carente financeiramente, idoso fornece jurubeba e açafrão para as terenas a R\$6,00. O açafrão as terenas comentaram que não tem muita saída. Outro senhor que veio oferecer pokã a R\$ 20,00 reais à caixa. No mesmo dia veio outro senhor vender pokã a R\$15,00 no final da tarde. E as terenas vendem a R\$5,00 a dúzia.

No final de maio do ano corrente veio um senhor oferecer maxixe e as índias gostaram do preço e compraram a R\$20,00 a caixa e elas vendem a R\$2,00 o saquinho com uns 10 a 15 maxixes, dependendo do tamanho do maxixe. Chegou palmito de guariroba amargo, que é vendido de acordo com a espessura dele, se for muito fino são R\$25,00 se for maior a espessura R\$30,00 e R\$35,00. Sai mais o palmito amargo com as pessoas mais antigas, os mais jovens não gostam muito.

Figura n. 25: Alguns produtos comercializados pelas terenas



Fonte: elaboração própria

Há quem chega de caminhonete nova oferecer pokã e em um dos casos, três terenas cada uma de um quiosque ficaram com as caixas a R\$45,00, com a informação de que os produtos vêm de Maceió.

Salienta-se aqui que a segunda maior população indígena do Brasil está em Mato Grosso do Sul, caracterizada pela diversidade etno-demográfica de

múltiplos ethos culturais. No contexto dessa singularidade cultural apresenta-se uma significativa população indígena, estimada em 73.295 mil pessoas, com destaque em seu cenário multicultural, os Terenas (URQUIZA, et.al.,2013).

Como dito anteriormente, os indigenas terenas presentes na Praça Oshiro Takemori são oriundos de aldeias e municipios diferentes, tais como Bananal, Cachoeirinha e Limão Verde que se localizam em Aquidauana e Miranda. A convivência é possível porque pertencem à mesma etnia. As mulheres Terenas são comerciantes por natureza. Na realidade, a grupo de indigenas presentes na Praça Oshiro Takemori pertencem a poucas famílias. O maior movimento de negócios, segundo seus testemunhos se dá em períodos festivos.

As mulheres, segundo a cultura Terena é quem melhor desempenha o papel, conseguindo conciliar a vida de esposa, de mãe e de mulher trabalhadora e negociante. O homem fica em segundo plano, porque se elas conseguem administrar todo esse esquema de vida, eles consideram mais capacitada para vários postos de suas lideranças, sabendo como lidar no dia- a dia com as situações que se apresentam. A liderança pouco se articula, não se envolvendo em questões políticas partidárias. Também não tem conseguido fazer com que as outras mulheres terenas que a indicaram, apreciem seu trabalho como me cnfessou a líder, por na maioria das vezes não cumprir com o prometido, as terenas dos outros quiosques quando vai expor sua opnião em relação ao que se deve propor em cada quiosque e não fazendo reuniões; e até para mostrar o que a pesquisadora lhes ofereceu como devolutiva de suas pesquisas de reportagens de jornal on line que falam sobre as terenas urbanas ou sobre o que vem ocorrendo que pode prejudicá-las, não fazendo parte de ir ouvir propostas de projetos se recusando a participar, pelo simples fato de não querer sair de sua barraca para os assuntos delas próprias, até porque ela infringe algumas regras, como falaram algumas terenas, as que acabamos de mencionar acima, como misturar os índios com os pedintes e drogados e as outras terenas não aceitam, algumas não acham certo, mas terminam também usufrindo de seus préstimos e vive um impasse nestes assuntos.

Há nesse sentido a alegação de que não quer brigar com eles para não prejudicar quem dorme na praça à noite. Mas, há depoimentos de que mesmo com a tentativa de diálogo com os pedintes e drogados acontecem furtos e assédios no

decorrer da madrugada por partes de traseuntes. Mesmo havendo um pequeno grupo fiel com os feirantes ocorrem confrontamentos com relativa frequência.

Nos períodos de férias há uma grande concentração de crianças na praça fazendo, assim com que a organização dos produtos de vendas, roupas, lençóis e colchões no último quiosque fiquem muitos à vista. E, por vezes, essas crianças não tendo ocupações escolares nas aldeiasd vêm passear na cidade, Itando a pequena praça.

Há presença significativa de tecnologia, com o uso do telefone celular pelas índias Praça Oshiro Takemori. Não vivem sem o celular e quando saem dos quiosques comunicam-se, chamando para comparecerem em outro quiosque ou mesmo para colocar a conversa em dia, inclusive para fazerem compras com os atravessadores, via de regra com contatos semanais.

Considerável número de pessoas que prestam serviços dentro do Mercado Municipal, não combina com os indígenas que frequentam a Praça Oshiro Takemori. Os moto entregadores, ao invés de estacionarem de maneira a dar espaço a outros como o espaço de descarga de produtos, estacionam suas motos de forma a ficar atravessada, ocupando vários lugares, não permitindo a correta circulação aos arredores da Praça Oshiro Takemori. Do mesmo modo, pessoas que têm barracas dentro do Mercado Municipal estacionam diariamente e só saem no final do expediente, não deixando opções para quem deseja parar, mesmo que rapidamente, sem entrar no mercado para ter que comprar e pegar o ticket e não pagar o estacionamento. Outro fator de confronto com as pessoas do Mercado Municipal são os produtos, que não se igualam aos das índias.

As terrenas da Praça Oshiro Takemori são procuradas para alguns produtos específicos de suas vendam “pensam os clientes”. Infelizmente não procedem assim as demandas como benzeduras e ervas para saúde, elas não têm esses produtos e se sabem alguma receita de remédio porque guardaram na mente ensinamentos dos próprios clientes e não da cultura indígenas é o que tentam transperecer.Todavia por mais paradoxal que possa parecer, elas indicam a Banca da Japonesa dentro Mercado, para compra de ervas medicinais.

A escolha de um modelo alternativo de empreendedorismo sustentável para os indígenas do Mercadão será a garantia e manutenção das gerações futuras

consequentemente esta prática formará uma base sólida solidificada nos princípios para o fortalecimento de suas representações nos eventos que cada vez mais vão formando uma sociedade mais crítica diante das pequenas demandas que se formam na família e que se transformam para outros níveis dentro da sociedade civil organizada com suas percepções. Serão utilizadas as ferramentas metodológicas que forem necessárias para uma descrição densa (GEERTZ, 1989) das questões e dos problemas.

A praça que tem o nome de um japonês é de certo modo intrigante a cooptação das terenas, em terem aceitado a estátua da terena vendedora sem a mudança do nome da praça. A Prefeitura que deve fazer manutenção e limpeza da praça diz na lei, mas quem termina fazendo são as índias a limpeza tendo que pedir para os pedintes e drogados e os índios que são alcoólatras e terminam pagando para eles. Indo de encontra ao que os policiais já conversaram com elas.

A iniciativa das mulheres terenas que não são indígenas é porque fazem um percurso maior em outras feiras ganhando a fidelidade mais clientes. Não é a mesma iniciativa das mulheres não indígenas, pois as índias terenas vão para as esquinas e ou então ficam na praça vendendo os seus produtos só conseguindo os clientes que circulam na praça e no mercadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual circunstância das índias feirantes Terenas da Praça Oshiro Takemori vem nos mostrar o quanto ainda tem que aprender e deixar nos ensinar. São fortes com suas próprias armas sua etnia é grande e mais resistente tanto que ainda hoje sobrevivem bem adaptando-se na cidade e no que lhes resta de campo.

No entanto precisam se reconhecer no outro, ação pouco usual em seu contexto. Aprender a aprender e usar o que já trazem de si em suas faculdades mentais seus conhecimentos de vida que por mais que imaginem ser pouco não são. Possivelmente serão mais em relação a tudo o que lhes rodeia que esta paisagem transforma-se a cada dia.

E se fizerem fortes as mudanças que normalmente se molda no decorrer de nossa vida e política e a vida partidária também. Sendo assim só nos resta tentarmos furar o bloqueio devagar e constante para conseguirmos a confiança de elas poderem ser ajudadas. Porque quando se tem outro olhar de fora temos como um parâmetro. Isso será de grande valia para a educação de suas famílias no futuro as substituir.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARO, D. **Los conceptos de “comunidad” y “sociedad” de Ferdinand Tönnies.** Papeles del Vol. 2010/1 n. 52 Mar 2010, p.1 – 24. Disponível em <<http://www.identidadcoletiva.es/pdf/52.pdf>> .acesso em 03 07 2012, 19h.
- ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação.** São Paulo: Atlas, 1995. 118 p. (Dimensiona:Tipologia da pesquisa; tipos de trabalhos, como por exemplo: resenhas, artigos, papers etc.; planejamento de dissertações e teses, bem como técnicas de apresentações - escrita e oral).
- ARCA. **Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande.** A Feira é Livre? N°5, Campo Grande, 1995.
- ARCA. **Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande.** Campo Grande - Uma cidade em busca de sua identidade / Ruas e Praças contam a história da cidade. N°6, Campo Grande, 1998.
- ARCA. **Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande.** Italianos, Espanhóis e Portugueses - diferentes culturas sedimentam a identidade de Campo Grande. N°7, Campo Grande, 2000.
- ÁVILA, V.F. **Pressupostos para formação educacional em desenvolvimento local.** Interações, Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande, Vol. 1, N.1, p. 63-76, Set. 2000.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. **Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local** – Sobral: Edições UVA, 2005.
- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte. Ed. UFMG 1998.
- BITTENCOURT, Circe Maria. LADEIRA, Elisa Maria. **A História do Povo Terena.** Brasília. MEC, 2000. 156p.ir
- BOAS, F. **A mente do ser humano primitivo.** 2 e.d. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BRAND, Antonio Jacó. **Desenvolvimento Local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas.** Revista Internacional de desenvolvimento local. Vol. 1, N. 2, p. 59-68, Mar. 2001.
- BRAND, Antonio Jacó. **História, identidade e desenvolvimento local: história e conceitos.** História & Perspectivas, Uberlândia (36-37) 366-388.jan.dez. 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênesis Andrade. – 4 ed. 6. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013 – (Ensaios Latino-americanos,1).

CASTRO, Iara Quelho de, **De Chané –Guaná a Kinikinau: da construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – Campinas. SP: [s.n.], 2011

CLIFOORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e Literatura no Século XX**. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. 4^a ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

COUTO, Maria Luísa. **A Estrutura do Conhecimento Tácito em Polanyi; um paradigma pós crítico para a epistemologia?** Universidade de Lisboa

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**, São Paulo casac naif. 2009

DAMATTA, R. **Relativizando; uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

JORNAL CAMPO GRANDE News Escultura inaugurada na Capital simboliza a mulher trabalhadora indígena. 10 de dezembro de 2012. Disponível em:<<http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/escultura-inaugurada-na-capital-simboliza-a-mulher-trabalhadora-indigena>>

DESCOLA, Philippe. **Estrutura ou Sentimento: a relação com o animal na Amazônia**. Revista MANA 4.(1): 23-45 1998. Disponível em:<<http://www.v14a11.pdf>> acesso em 03 07 2012, 19h.

DIONNE, Hugues. **A Pesquisa-ação para o Desenvolvimento local**. Tradução: Michel Thiolent. Brasilia. Liber Livro Editora, 2007.

FEITOSA, V. C. **Redação de textos científicos**. 2. ed. Campinas : Papirus, 1995. 155 p.

FERDINÁNDEZ, O. D.; BENBENASTE, N; BIGLIERI, J.; ESTÉVEZ, M. **El sujeto de la comunidad y de la sociedad: un tratamiento desde la psicología política**. Facultad de Psicología/Secretaría de Investigaciones/Anuario de investigaciones/Volume XIV/Ano 2006.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **O Iluminismo e os Reis Filósofos**. Coleção Tudo é História 22. 3^a edição - São Paulo. Editora Brasiliense.

FRANZONI, Tereza Mara. **Teatralidade e sociabilidade no planejamento urbano na Ilha de Santa Catarina [tese] : um caminho entre o passado e o presente, a técnica e a política, a política e a festa** – 2012. 380 p. Tese (doutorado) Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido..** Notas : Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1992.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora: LTC, 1989.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: editora; Jorge Zahar. Cap. 04 pg 69 a 85.2001.

GIL, A. C. **Projetos de pesquisa** .3. ed. São Paulo :Atlas, 1996, 159 p. (O autor explica detalhadamente o que é pesquisa e como elaborar projetos de pesquisa :bibliográfica,experimental, campo, ação, participativa e outros tipos.)

GORDON, Cesar. **Economia Selvagem, Ritual e Mercadoria entre os Índios Xikrin-Mebêngôkrê.** – São Paulo: Editora UNESP. ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.il.

GROOPPO, L. A. **Comunidade, sociedade e integração sistêmica** .Disponível em <http://www.educadoressociais.com.br/artigos/comunidade_sociedade_e_integracao_sistematica.pdf> acessado em 03 07 2012.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Disponível em <<http://w3.ufsm.br/mundogeo/geopolitica/more/stuarthall.htm>>

LAPLANTINI, François. **Aprender Antropologia.** Tradução Marie- Agnès Chauvel ; prefácio Maria Isaura Pereira Queiroz-- São Paulo: Brasiliense – 2003.

LARAIA, Roque de Barros **Cultura. Um conceito antropológico.** 13.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora , 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A Rua Quinze, de Praça a Praça: um exercício Antropológico.** Departamento de Antropologia – USP. 1991. <http://www.n-a-u.org/magnaniruaquinze.html>

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico Ocidental** – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2 ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Heitor Romero. **Desarrollo local a escala humana.** Revista Académica Universidad Bolivariana Polis. N.22, 2009.

MINAYO, M. Cecília de Souza. **Pesquisa social** - teoria, método e criatividade. Completar.

MINAYO, M. Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento** - pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: HUCITEC/ABRASCO, 1996.

MUSSI, Vanderléia Paes Leite. **Questões indígenas em contextos urbanos: outros olhares, novas perspectivas em semoventes fronteiras.** História Unisinos 15(2):206-215, Maio/Agosto 2011.

NASCIMENTO, E. M. **Economia Solidária: Empreendedorismo no Mercado de São Brás.** Graduação em ciências sociais. Universidade da Amazônia- UNAMA, 2004.

NONAKA , Ikujiro & TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação do conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram dinâmica de inovação.** Rio de Janeiro: Campus, 1997. Ler Cap. 03 – especialmente páginas 63-83.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo.** – Brasília: Paralelo 15: São Paulo: Editora UNESP. 3^a ed. 2006.

OLIVEIRA, Vitória Peres de. **O Conhecimento Tácito na Transferência de Conhecimento de Conhecimento Científico – MR. Data aprende a dançar.** Universidade Federal de Juiz de Fora. vipe@openlink.com.br

OLIVEIRA,Jorge Eremites de. **A história indígena no Brasil e no Mato Grosso do Sul.** Mato Grosso do Sul. Universidade Federal de Dourados. 2008.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti: as formas organizacionais, territorialização da identidade étnica** – Dourados, MS Editora da UFGD, 2009.

PRITCHARD, Evans. **Os Nuer.** São Paulo Ed. Perspectivas. 1993.

RANGEL, Lucia Helena. **Relatório Violência contra os povos indígenas no Brasil.** CIMI. Dados 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Semear outras soluções: Os Caminhos da Biodiversidade e dos Conhecimentos Rivais.** Coleção: Reinventar a Emancipação Social: Para Novos Manifestos. Ed. Civilização Brasileira.2005.

SILVA. Benedicto. **Dicionário de Ciências Sociais/** Benedicto Silva (org). Fundação Getúlio Vargas Instituto de Documentação. 2^a edição. Editora da Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro – 1987. Pg. 290 – 292.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais/** Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Katrhyn Wooward. – Petrópolis, RJ: Vozes,2000.

SOUZA, Cynthia Pereira de. Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. (org). São Paulo. Escrituras Editora. 1998.

STRAUSS, C. L. **Antropologia Estrutural Dois.** Ed. Tempo Brasileiro Ltda, 1976.

TÖNNIES, F. **Comunidad_y_sociedad** disponível em: <<http://archivosociologico.wordpress.com/ferdinand-tonnies/>> acessado em: 03 07 2012.

TREMBLAY, Gaetan & VIEIRA, Paulo Freire (orgs) . **O papel da universidade no desenvolvimento local: experiências brasileiras e canadenses.** Florianópolis/SC: APED/SECCO, 2011, p.19-80

TRUMAN, Harry S. **Inaugural Addresses of the Presidents of the United States.** Washington, D.C.: - Thursday, January 20, 1949. U.S. G.P.O.: for sale by the Supt. of Docs., U.S. G.P.O., 1989; Bartleby.com, 2001. www.bartleby.com/124/. [Date of Printout].

URQUIZA, Antonio Hilário Aguilera. **História e Cultura dos Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul.** Antonio Aguilera Urquiza (org). Editora UFMS. 2013.

URQUIZA, Antonio Hilário Aguilera. **História e Cultura dos Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul.** Antonio Aguilera Urquiza (org). Módulo VI Editora UFMS. 2013.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A Dimensão Sócio-Política do Território para os Terenás: as aldeias no século XX e XXI.** 2011. 187p Tese (doutorado) Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Universidade Federal Fluminense

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A construção do Território Terena (1870 – 1966): Uma sociedade entre a imposição e a opção.** Dourados, MS Universidade Federal da Grande Dourados. Agosto de 2003.

WEINGARTNER, Gutemberg. **A Construção de um Sistema os espaços livre e públicos de recreação e conservação em Campo Grande, MS.** 2008 Tese de Doutorado em Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo. São Paulo.

YIN, R. K., **Estudo de caso.** Planejamento e método. 2 ed. Porto Alegre: Boockmam, 2001.